

O INSOSSO E O INSÓLITO ENTRE OS PINHEIRAIS

contos

Victor Finkler



O INSOSSO E O INSÓLITO ENTRE OS PINHEIRAIS

Victor Finkler



EDITORA COLETIVO CINE-FÓRUM
2024



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Araucária
PREFEITURA DO MUNICÍPIO

Este livro foi produzido e publicado por meio dos recursos da Lei Paulo Gustavo
(Lei Complementar nº 195/2022).

Ministério da Cultura do Governo Federal do Brasil.
Prefeitura Municipal de Araucária - PR.



EDITORA COLETIVO CINE-FÓRUM

O Inosso e o Insólito entre os Pinheirais

um livro de contos

escrito por VICTOR FINKLER

O INSOSSO E O INSÓLITO ENTRE OS PINHEIRAIS

Victor Finkler



EDITORA COLETIVO CINE-FÓRUM
2024

Um livro de

Victor Finkler

Chefe de Publicações e Revisão Final

Liaki Paha

Diagramação e Projeto Gráfico

Renan da Silva Dalago

Ilustrações

Pedro Henrique da Costa

Conselho Editorial

Coletivo Cine-Fórum

Disponível em

www.coletivocineforum.com/comite

As opiniões expressas pelos autores pertencem a eles e não refletem necessariamente a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Todos os direitos são reservados. Autorizamos a reprodução parcial desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte. Proibido qualquer uso para fins comerciais.

Direitos reservados a
EDITORA COLETIVO CINE-FÓRUM
marca registrada
Goiânia, Goiás
coletivocineforum@gmail.com
www.coletivocineforum.com/livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Finkler, Victor

O insosso e o insólito entre os pinherais /
Victor Finkler. -- 1. ed. -- Goiânia, GO :
Coletivo Cine-Fórum, 2024.

ISBN 978-65-980905-9-3

1. Contos de terror - Literatura brasileira
I. Título.

24-221169

CDD-869.35

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos de terror : Literatura brasileira
869.35

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DO AUTOR

Tem muito sobre mim aqui, mas não estou sozinho nisso. Nunca estamos sozinhos. Talvez seja a mensagem principal de escrever um livro. Voltar para si e lembrar dos outros, estar sempre em diálogo com algo/alguém, seja com seus próprios pensamentos ou lembranças de momentos em que alguém atravessou seu caminho e aquilo que atravessou e permaneceu de alguma forma.

Lembro quando escrevi no facebook, em 24 de julho de 2018, que “O vento sopra em Araucária, levando para o nada as memórias e momentos de vidas passadas, tudo isso enquanto o vento sopra em Araucária”, e hoje finalizo esse livro num dia frio, porém com menos vento que ontem. Foram fragmentos andando na rua, antes de dormir, na esteira da academia, nas longas viagens de ônibus até Curitiba. Partes que formam o todo. Se o todo valeu a pena, você que vai ter que me dizer, eu já disse o bastante.

Foram personagens que vi, situações que testemunhei, histórias que ouvi falar, coisas que nem sei. Engraçado como a gente só tem noção de como podemos transformar nossa subjetividade em criações artísticas quando de fato o fazemos. Muitas coisas que você vai ler são baseadas em realidade, muitas são alheias a ela, outras andam na linha bamba tão curiosa que faz a gente se sentir feliz de ser humano.

Victor Finkler Lachowski,
07 de Junho de 2024

AGRADECIMENTOS

Nunca é demais escrever palavras de agradecimento, mesmo sendo péssimo nisso. A minha família, pelo amor e pela vida. Aos meus amigos, pelo amor que complementa a vida.

Agradeço a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Araucária por todo cuidado, dedicação e seriedade nos processos que tornaram possível a realização deste livro. O livro que você está lendo agora só está sendo viável graças ao financiamento da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar (LC) n° 195, de 8 de julho de 2022).

Também deixo meu muito obrigado ao Acervo Histórico Archelau de Almeida Torres, pelas entrevistas e materiais de estudo e pesquisa sobre nossa cidade.

Cultura, arte e tudo que é sensível e toca nossos sentidos e sentimentos e faz nossos olhos encherem d'água é, no final, trabalho humano, só sendo possível através da resistência, incentivo e dignidade necessários para realizar tais trabalhos.

Agradeço a Mavi e a Bia por terem lido tantas vezes os contos deste manuscrito e terem contribuído com sugestões, pitacos e correções. Amo vocês.

E dedico esta obra para o Floquinho, que ainda está entre nós enquanto escrevo essas palavras. Um cão chato, implicante, velho e reclamão que amo muito.

SUMÁRIO

ALIENÍGENA NO POTE _____ 13

ANJINHOS ENTRE OS PINHEIROS _____ 31

SANGUE-FRIO _____ 55

CAVAS _____ 115

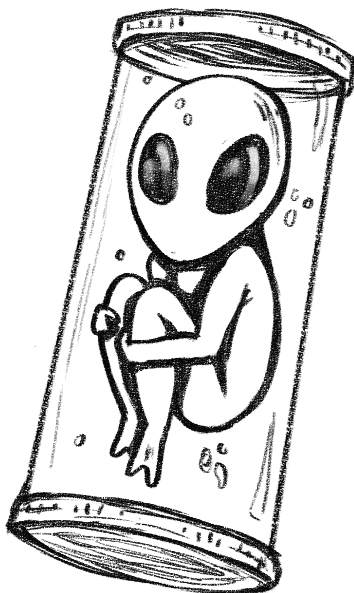
COLONOS DE TEMPOS E ESPAÇOS _____ 129

INSÔNIA _____ 155

CORTE OS MEMBROS DA QUIMERA _____ 167

ALIENÍGENA NO POTE

ALIENÍGENA NO POTE



O céu e a cidade. A cidade e as estrelas. As estrelas no céu da cidade. A cidade do céu das estrelas. De ponta cabeça olhamos para cima e não nos imaginamos girando numa dança espacial. O cosmos e sua matéria. A matéria que irradia e brilha sobre nossas cabeças. Cabeças voltadas para o presente, remoendo o passado e aflitas pelo futuro. A cidade e suas estrelas acobertadas pelas nuvens das indústrias. Fracas no subúrbio. Brilhos diferentes na zona rural. Em um dia o céu da cidade jogou uma de suas estrelas macrocósmicas na nossa realidade microcósmica. Fragmento de Universo. Uma constelação fica incompleta para que novas fronteiras entre o real e o ficcional possam ser traçadas em terras paranaenses.

- “Vi no youtube que tem muito lixo no espaço, muita tralha, pode ser só mais uma que caiu do céu. E tá inteirinha, dá pra tirar uma grana com isso, material caro”.

Esse foi o pensamento que o Polaco soltou pra fora enquanto analisava o que ele e seu amigo haviam encontrado em Guajuvira. A região afastada, um antigo município que nunca se desenvolveu e foi transformado em distrito de Araucária, continha um pequeno centro urbano que servia apenas como concentração de asfalto em meio às diversas chácaras espalhadas. Eles conversavam em uma dessas últimas.

Propriedades rurais de soja, sobretudo, preenchem a vista comum que se estende por todo estado do Paraná. O que era mata virou soja, o que era floresta virou soja, quase tudo que eram Araucárias viraram soja, por isso a cidade é nomeada no singular.

Uma terra de pessoas que vivem dela, cultivam dela. Olham pra baixo durante as estações e pra cima apenas para conferir

o tempo, mas mesmo as previsões analógicas a olho nu já são passado em uma era de dispositivos meteorológicos que cabem no seu bolso.

A ideia de um presente do céu pareceu inédita, e foi levada inicialmente com ceticismo e oportunismo. O estranho cilindro de aproximadamente 15 centímetros de altura, feito de metal nas pontas, coberto por um vidro opaco no seu centro. Polaco analisava.

- “Como que isso não quebrou? Já que veio do espaço”, perguntou seu colega dando batidinhas no vidro.

- “Os foguetes têm janelas, eles usam algum vidro especial e forte que aguenta tudo”.

A lógica era inevitável, tão perfeita quanto simples. Levaram para a casa, antiga e robusta, reformada recentemente, onde três gerações continuam o legado da soja familiar, não como donos, mas funcionários de um grande latifundiário.

Animais simples, alguns patos, galinhas e o galo foram deixados para trás pelos passos rápidos de dois homens feitos, ansiosos por descobrirem o que fazer e lucrar com seu brinquedo novo.

Eles limpavam a sujeira do campo acumulada no artefato. A terra fertilizada que caiu levou consigo a opacidade do cilindro, que escorreu plasmaticamente com as bolotas marrons incrustadas.

O conteúdo do cilindro foi revelado, agora visível através de um transparente e reluzente vidro que parecia lustrado.

Um corpo como de um alien bebê. Como se fosse a miniatura do mais genérico dos ets, aqueles do tipo grey, sabe?

Cabeçudinho, olhos grandes, corpo cinzento, membros curtos. Dava para ver que se tratava de um feto, estava parodicamente em posição fetal, abraçando as próprias pernas como se estivesse com medo, só faltava chupar o próprio dedo.

Parecia flutuar dentro do cilindro, nenhum tipo de líquido ou substância era visível lá dentro. Algo deveria existir, mas nenhum deles conseguia enxergar uma movimentação licorosa que fosse.

Já me coloquei como personagem e observador. Sou jornalista do “O Famoso”, portal e circular importante na cidade, dentro do que podemos considerar importante no quesito notícias por aqui.

Aqueles homens do campo, depois de verem que o que tinham em mãos não era uma grana fácil, decidiram tentar a sorte no sensacionalismo midiático e optaram pela opção menos relevante para conspiracionistas, ufólogos e crédulos de todo o país, quiçá do mundo.

Me encaminharam para cobrir a “descoberta”, averiguar o item e entrevistar os personagens. Meu chefe disse que seria uma boa oportunidade para ganhar tato com as pessoas, e como sou novo e fiz faculdade de publicidade, talvez eu fosse a pessoa certa para vender a história.

Odeio publicidade. Como nunca fiz o curso de jornalismo acho que isso me permite não seguir tão à risca a ética jornalística. Já na publicidade a ética é o limite do quanto descobriram.

Eles encontram o objeto numa quarta de manhã, lá pelas 5:30, quando estavam a caminho da lavoura do patrão. Só que não foi totalmente ao acaso.

- “Eu vi na noite anterior. O céu tava estrelado como só fica aqui, longe da cidade. As luzes tavam apagadas e eu tava tomando

um café na varanda. Vi o Cruzeiro do Sul, e vi uma coisa estranha, tinha seis estrelas nele. Quando parei pra pensar nisso aproximei os olhos e uma despencou. Caiu com tudo. Lá longe”, e me indicou com o dedo.

Quando estamos no ponto de encontro, ou contato, só vejo um pequeno buraco, afinal, já é quinta de tarde. O contato de... meio grau? só se faz interessante por conta do que eles acharam.

Eles me mostram, giram, mexem e remexem aquele recipiente com mãos fortes e firmes como quem manuseia uma criança sem segurança. Me fazem olhar por todos os seus cantos diversas vezes antes de, com alguma excitação golumlesca, me deixarem tocar no cilindro.

- “E como é seu nome?”, pergunto para o amigo aquietado do Polaco.

- “Sou o Pelé”.

E eu sou o Jô Soares. Insisti e ele falou que seu nome é Edson, então para além da semelhança física ele é pelo menos $\frac{2}{3}$ Pelé, só faltou a habilidade no futebol. O mais engraçado é que Pelé falava assobiando, literais fiiiiiu no meio das palavras, lábios pequenos para uma boca grande, musical - cigarro tinha tornado rouco e o ar escapava entre os dentes que sobraram.

- “E o objeto estava quente quando vocês encontraram?”.

- “Tava normal”.

O que tem de normal nisso?

- “Quis dizer se ele parecia ter algum comportamento estranho, saia fumaça, brilhava, algo assim?”

- “Só tava ali”

Muito esclarecedor. Saco. Não fazia sentido tentar tirar algo deles. Percebi que quando peguei o cilindro Pelé ficou com o olhar fixado no objeto em minha mão, enquanto Polaco mantinha um sorriso mais esperto, quase malicioso com o conjunto dos olhos.

- “Então... o que vocês podem me dizer sobre quando encontraram o cilindro?”

Polaco respondeu mantendo seu sorriso.

- “A gente achou que ia fazer fortuna, mas aí pareceu especial demais pra ficar só entre a gente, por isso quisemo compartilhar”

- “Vocês avisaram pra alguém quando acharam, fora o jornal, como a polícia, seu patrão?”

- “Polícia pra que? Não aconteceu nenhum crime, e essa coisa aqui não parece gostar de arma”

- “Como assim não parece gostar”

- “Quis dizer que... não faz mal pra ninguém”

- “E o patrão?”

- “Ele faz”

- “Quê?”

- “Quê”

Polaco parecia estranho com essa conversa, como se ele estivesse perdido nos próprios pensamentos e seus pensamentos saindo pra fora do seu cérebro em um expurgo. Um exorcismo de cognição.

- “Bom, pra que você acha que serve isso?”

- “Não sei, mas parece especial, e é”

- “Decoração, talvez?”

- “...”

- “Será que a gente não leva para algum investigador forense da polícia?”

Polaco me olhou estranho, e pude perceber um reflexo de raiva, seus músculos se repuxaram em ódio e desfizeram tal expressão com a mesma rapidez.

- “Não acho uma boa tirar daqui”

Tentei conversar sobre amenidades, buscando brechas sobre aquela história, mas eles pareciam mais interessados em desviar das questões para que eu fosse embora logo. É fácil perceber quando a gente não é bem-vindo. Fui rejeitado pela minha curiosidade. Sendo que estava odiando e sem vontade de estar ali. Mas aquela história não deixava de ser intrigante pela sua própria estupidez.

Em algum momento eles mudaram de ideia e não queria mais minha presença ali. Algo dentro deles foi alterado, e não tive vontade de ficar e descobrir o que.

* * *

Voltei pra casa. Tava com o carro da empresa e meu chefe me deixou ficar com ele por uma noite porque ia voltar tarde de Guajuvira. Janta requentada e uma noite de sono. Fiquei pensando naquela porcaria de bebê alien num pote.

Escutei o que gravei da matéria para botar em um word, ver se fazia sentido e se existia propriamente uma matéria. Spoiler: não tinha nada além de uma coluna de humor para dar risada ao lado do horóscopo, um dia de trabalho por isso. Inferno. Nunca

não ter trabalho deu tanto trabalho, ou nunca deu tanto trabalho não ter trabalho nenhum?

Antes de dormir decepcionado resolvi olhar o celular e fiquei sabendo da história de seres avistados na Ilha do Mel. Um youtuber que gosto e faz vídeos desmitificando lendas urbanas e vídeos estranhos analisou o que rolou no litoral paranaense e não conseguiu chegar num veredito sobre aqueles humanóides cinzentos com cabeças e olhos grandes.

Eles pareciam versões adultas e em poucos pixels daquela coisinha dentro do cilindro. Bom, é a fantasia mais tradicional de et, qualquer loja de fantasias monta isso ou já tem prontinha pra compra, na internet fica ainda mais fácil de achar.

Agora pude deitar, completamente decepcionado e irritado com o tratamento daqueles estranhos do interior, ou melhor, do interior do interior. Como eram cabeças duras, coisa de gente que vive da terra, ainda mais dos outros. Também sentiria raiva em ficar plantando e colhendo enquanto outro enriquece. Ainda bem que não era minha realidade, sou jornalista. Jornalismo não dá dinheiro, se bem que onde trabalho vende bem e tem vários anunciantes bons, basicamente monopoliza a informação na cidade. Parando pra pensar, jornalismo só não dá dinheiro pro jornalista.

Mesmo exausto não paro de pensar. Ansioso. Fico naquele limiar pastoso entre pensamentos estranhos e conexões ilógicas sobre as cores e sentimentos.

Senti a mão coçar. Entropia e entalpia. Pensei na relação entre aquela mão que coçava ser a que segurei o cilindro. Calculei

quanta energia seria necessária para coçar aquela mão. Entre ansiedade e cansaço o segundo milagrosamente venceu.

Dormi e sonhei.

* * *

No dia seguinte e novamente em Guajuvira no dia seguinte. Varanda daquela já conhecida casa de trabalhadores. Panelas de barro e fitas-armadilha cheias de insetos mortos rodeiam nossas cadeiras.

- “Então cê também viu o que a gente viu?”, perguntou Polaco fumando um classic.

Eu vi, e não sabia o que vi.

- “Isso aí tá cheio de vontade”.

Dessa vez Pelé me surpreendeu com um apontamento ao mesmo tempo preciso, ambíguo e misterioso. Só que entendia perfeitamente o que ele estava falando.

Eles me trataram muito diferente, e também notei que enxergava eles de maneira diferente. No dia que eles entraram em contato com o Jornal meu chefe avisou que pareciam ser dois aproveitadores querendo criar caso. No dia seguinte, quando cheguei, eles ficaram cada vez mais ressabiados e matutos. Hoje, me tratam como um igual.

- “Acontece de madrugada. Essa coisa fala” - Pelé parecia ter lido minha ordem de pensamentos, talvez tivesse.

Agora nós éramos todos parte de algo. Mas do que? Sabia do que eles falavam, mas apenas por sensação e impulso, não por razão ou algo calcado na consciência em si, de si.

Minha mão coçava. Senti a palma dela áspera. Esfreguei na minha calça.

- “Será que isso é radioativo?” - joguei o queixo em direção ao cilindro que repousava no colo do Polaco, debaixo duma manta, como um bebê invertido no colo.

- “Falou que não vai fazer mal nenhum pra gente” - Pelé sempre na defensiva, que irônico.

Estava com medo deles, porém me sentia compelido a ficar lá, ou ali, ou aqui, tomando a ofensiva. Aqueles dois passaram a ocupar um lugar nos meus sentidos como se fossem os únicos humanos que pudessem me entender e compartilhar a vida comigo.

Nos olhamos, Polaco deu duas batidinhas com o dedo do meio na manta sob o cilindro.

- “Que que foi que ele te disse?”.

- “Sobre praias de asfalto e mares de aço inox”.

Aquilo pareceu agradar o Polaco, como se fosse a resposta que tirou qualquer fragmento de dúvida que tinha sobre minha experiência, meu relato era verdadeiramente verdadeiro para ele.

- “Falou com nós na madrugada antes de você vir. A gente quase pensou em impedir cê de vir. Mas precisávamos saber se acontecia com os outros também, pra saber se não era eu e ele que tá ficando maluco”

Fui cobaia de dois colonos, que bom. E ele não concluiu se no final ninguém está ficando maluco ou se nós três ficamos.

- “E agora o que a gente faz? Levamos pra algum lugar? Contamos pra alguém?”

- “Ninguém vai entender”.

Eu e o Polaco olhamos pro Pelé. Ele parecia cada vez mais retraído e expandido, como se quanto mais ele se encolhesse dentro dos seus membros e pensamentos naquela cadeira maior ele ficasse.

Mesmo com medo não aguentava aquela ociosidade.

- “A gente precisa saber o que é isso, pra que serve, o que tá acontecendo com a gente, quero respostas!”

Pelé abriu seus braços e pernas e se atirou em cima de mim. As próximas imagens nos meus olhos eram o mato curto da frente da casa, e o cheiro de terra úmida preencheu a última lufada de ar antes do peso de um corpo cair em cima da minha garganta. Não conseguia ver Pelé me estrangulando, mas tinha a certeza de que ele serrava os dentes enquanto o fazia.

Só consegui virar meu rosto pra cima quando Polaco deu uma de futebol americano e jogou Pelé pro lado num choque ombro com costela. Aspirei o ar pela garganta machucada e senti ela arranhada e inchada.

- “Corre” - quando ouvi isso já estava em pé e pronto pra correr.

Virei a cabeça na direção da briga e próximo deles, repousado na cadeira de Polaco, o bebê alien permanecia enrolado na manta. Tomei a iniciativa e peguei o cilindro antes de ir cambaleando o mais rápido possível até o carro.

- “Devolve isso!” - não sabia se a voz era do Polaco, do Pelé, de ambos ou de nenhum dos dois.

Minha última lembrança daquela paisagem rodeada por eucaliptos foi já estar acelerando o carro pela estrada improvisada no meio do mato ralo. Olhei pelo retrovisor e ambos corriam já

sem esperança de me alcançar. Minhas arfadas faziam sangue quente escorrer pela traqueia e o gosto de ferro ocupava meu paladar. Eles pararam e Pelé se virou para o Polaco, ele apontava em minha direção com ódio cada vez mais distante.

* * *

Em casa, ignorei todas as ligações e mensagens do meu chefe ao longo do dia. Desliguei o celular. Fiquei na cama olhando para o forro tanto tempo que parecia que ele estava a poucos centímetros do meu nariz. Percebi que estava. Levantei as mãos para sentir e ao roçar as pontas dos dedos no forro de PVC e cai de uma altura de mais ou menos dois metros até minha cama.

Do outro lado do quarto, na cadeira em frente a escrivaninha, a manta cobria o cilindro. Me olhava por debaixo do tecido, como um cachorro vendado para ir no veterinário.

Devo ter ficado horas com o rosto virado pra direita. Voltei o pescoço pra cima, e virei de novo. Estranhei, e virei o rosto para a esquerda enquanto virava para a direita. Meus rostos se olharam. Duas cabeças, toquei a outra, ou a original, e não a senti.

Já era noite. Falava com a gente. Eus fomos até o cilindro. Falava com a gente. Dirigimos até Guajuvira. Foi fácil olhar para os dois lados pra ver se não vinha ninguém nos cruzamentos.

Escutávamos suas palavras e as entendia/íamos mas elas não faziam sentido, suas palavras estão traduzidas para minha língua mas elas não faziam sentido, não existiam enquanto compartilhadas, pois não eram humanas.

Um de eus lembrou do argumento de Wittgenstein: se um leão pudesse falar nós não o entenderíamos, imagina se eus entenderia ou entenderíamos um bebê extraterreno. O limite da linguagem é o limite da consciência? A diferença é que ele quer se fazer entender, para além do instinto. Independente de tudo era uma forma de vida. Meu outro eus contestou que a língua molda a cultura na horizontalidade, sendo atravessada pela verticalidade do estilo, algo Barthesiano.

Deixamos o carro distante da casa deles. Longe o bastante para não escutarem a gente chegar. Passamos em silêncio por entre os eucaliptos. Caminhamos uma meia hora até chegar aonde o cilindro havia pousado.

Sentamos na lavoura úmida, a soja começava a germinar. Falava com a gente. Crescia como mediunidade em uma corrente elétrica entre terra e espaço. Entendemos a função das duas cabeças. Uma positiva e outra negativa, para neutralizar o contato. Uma protônica e outra eletrônica. Eu era a positiva. E eu era a negativa. Em uma pensamentos de afirmação, certezas. Na outra pensamentos em forma de questionamentos, contestações.

Eus ponderamos e conjecturamos meus pensamentos até minhas ideias assumirem a forma de uma constelação. Traçamos linhas invisíveis que tentavam formar algum desenho que desse lógica àquele todo e apenas pudemos conversar com um sapo coaxando há alguns metros ao lado.

Meus pensamentos adquiriram a forma de uma poça, colocamos o sapo nessa poça e pudemos sincronizar seu ronco com as pequenas ondas. Ritmo da água, ritmo das moléculas,

ballet anfíbio. Sinapses se formaram. O segredo era colocar as ideias aqui na terra, tirar da imagética de pontos luminosos mortos há anos-luz de distância e transportá-la para pequenos cenários e seres que refletem suas luzes.

Constelação de Poça. Talvez fosse um lugar mais agradável e espaçoso para os de Peixes ficarem do que no Aquário.

E falava com a gente. Sobre como era existir. A gente nunca pensa sobre existir, apenas é. Entre ser e nada se desenrolam todas as coisas. Ontologia dialética de negação da negação, o nada é indissociável do ser, o que não se é compele tanto ao que se é quanto o restante das características próprias do conceito. Os extraterrenos são hegelianos, que bom.

O sapo abriu sua boca e eus fui puxado por sua língua e no meio das entranhas e cheiro de insetos mortos lutamos contra deformidades. No tamanho celular as bactérias digestivas tentaram tirar nossos nutrientes e pudemos perceber de maneira interna a putrefação que acontece externamente. O cadáver como resultado e objetivo final da produção da vida, como em Benjamin. E para Heidegger a tomada da consciência total da existência é se perceber como um ser em decadência, em direção/preparação à morte.

Sentimos que queria nos levar para longe, saímos de dentro do sapo e senti o chão debaixo de mim ceder, a Terra era empurrada pra baixo. Queria que conhecêssemos seus pais. Havia reencontrado eles com nossa conexão. Eles estavam vindo. Tudo era brincadeira de criança.

Subia lentamente ao infinito quando um de eus foi atingido por uma porrada na cabeça. Caímos de costas. Vi meu eu

inconsciente e sangrando. Sentia minha cabeça positiva latejar e descansar. Sem ela só me restava dúvidas dúvidas dúvidas. Não falava mais com a gente.

Vi Pelé segurando o cilindro, dedos saíam de seus dedos e eles se encaixaram em vãos até então inacessíveis. Abriu e tirou de lá o feto alienígena. Ele segurou na ponta dos dedos dos dedos. Tudo virou trevas.

Acordei no hospital. Meu chefe ficou preocupado com meu sumiço e contatou a polícia, mesmo a contragosto porque não aparecia há menos de 48 horas, mas não negaram o pedido do dono de um jornal.

Minha agora única e solitária cabeça estava enfaixada e com um corte no labirinto. Tomei alguns pontos. Teria um dia de exames pela frente.

Depois das visitas e de responder dúvidas médicas foi a vez da polícia me interrogar. Quando os primeiros policiais chegaram, logo pela manhã, encontraram a casa aberta e vazia se não fosse um corpo morto a porradas. Polaco deve ter apanhado muito por ter deixado o cilindro ter sido roubado.

Pelé me desmaiou com uma pedra qualquer que foi encontrada ensanguentada do meu lado. Não contei com o fato da nossa conexão ficar perdurada por tanto tempo. Ele sempre soube que estive ali. Ou estivemos. As coisas ainda estão confusas.

Ele não foi encontrado. Disseram que deve ter fugido. Me questionaram o porquê deles terem me feito refém por tanto

tempo. Inventei que achei a história deles ridícula e ia expor eles ao mesmo ridículo e isso havia deixado eles zangados e ameaçados.

Depois dessa balela pude pensar melhor, e senti que Pelé não existia mais. Nunca o encontrariam.

A polícia saiu com mais dúvidas do que respostas e contestando minhas versões, mas não havia nada que pudessem fazer. Fiquei sozinho para descansar. Tive o dia todo para ser examinado. Estava tudo nos conformes, só foi indicada muita atividade cerebral mas provavelmente pelo estresse da situação e do choque.

De noite, dormia quando senti as palmas de minhas mãos coçarem. Dessa vez não resisti e esfreguei palma com palma até sentir elas coladas uma na outra. Fluiu-se um contato, novo, tímido. Falava comigo, mas agora como uma voz mental infantil. Me trouxe paz. Pensamentos estelares.

Me faz caminhar entre as estrelas. Passear por entre os cosmos. Como se andasse em um busão da URBS, um ligeirinho que só para nos terminais, nos pontos mais importantes embarcam seres alienígenas de todo o Universo. Em uma viagem tão longa, porque tudo fica tão distante. Longe um do outro. Galáxias. Planetas. Anos-luz. Amor. Tão longe. E deixo pra trás. Esperando meu busão interestelar chegar no destino final e fazer o sentido contrário. De volta pra casa.

29 de janeiro de 2024
06 de fevereiro de 2024

ANJINHOS ENTRE OS PINHEIROS

ANJINHOS ENTRE OS PINHEIROS



Fui pro ponto de ônibus e senti cheiro de carniça vindo do matagal, quero vomitar. Como quando te abracei e o cheiro de carniça estava impregnado nas suas roupas. Você não era morte, era vida, minha vida. Quando Lucas morreu você foi ainda mais minha vida. Depois que enterramos a vida que saiu de nós, você continuou sendo vida para mim. Acreditei em você porque não acreditava em mim.

Se nasce, se morre, se nasce ao contrário, de ponta-cabeça, e entre os estágios da vida trabalhei durante anos na Maternidade do Hospital M... Entre choros causados por pulmões sendo inflados de ar pela primeira vez, pedidos por comida, incompreensões sobre a existência e a incomunicabilidade do início da vida também testemunhei mães perdendo seus filhos para o acaso, enforcados por cordões umbilicais ou mais comumente pela violência obstétrica de intitulados doutores que só viam a mulher como uma buceta esperando pra ter algo expelido. E o caminho de dentro do útero para debaixo da terra reduzido a quase zero segundos por conta de casos como do caso que vou descrever, uma tradução extrema do desrespeito com a vida.

Aquela segunda-feira era meu dia de trabalho no atendimento da maternidade. Dia sim, dia não, esse era meu regime contratual. Terceirizada. Uma rotina de sustos-calculados. Meu dia-a-dia era

baseado em receber grávidas para suas consultas de pré-natal, e também receber as já em trabalho de parto, acompanhadas de maridos assustados com olhos arregalados e mãos sendo amassadas pelas com força sobrehumana que só uma mulher em agonia pode ter.

Tinha meus vinte e oito anos, um emprego e vida estável. Marcelo era médico, obstetra. “Doutor Marcelo” era como eu e minhas colegas o chamávamos.

Sempre trocávamos palavras de bobeira na secretaria ou tomando café na copa dos funcionários.

- Hoje é dia daquela lá, a Ana Clara, vir aqui?

- A que tem o marido ciumento?

- Ciumento?

- Ele vem toda vez que ela vem te ver pra consulta.

- E é bom que venha, tem que estar junto dela, não tem nada a ver comigo.

- Aaah tem sim. Já vi como ele te olha de baixo pra cima quando você vem recebê-los na sala de espera. Te fuzila.

- Bom, até agora não me deu nenhum tiro, pelo menos isso.

- E não julgo ele.

- Como assim?

- Você é um perigo pra qualquer um - arrisquei, joguei tudo pro alto mesmo.

E ele deu aquela risada frouxa segurada. Homem quando sabe que é gostoso faz muito bem o doce.

- Vou voltar pro expediente.

- Beleza, até mais.

Quando ele tava na porta da copa parou e perguntou “quer tomar um café amanhã? Eu não tô de plantão, você não vai tá aqui”.

“Claro”, saiu de mim enquanto eu dava três piscadas rápidas.

Marcelo deu um belo sorriso e apontou pro meu copo, “só tem que ser melhor que esse petróleo aí”, e foi embora. Quase não nos vimos mais naquele dia a não ser para assuntos de trabalho e pacientes. Foi um dia calmo para meu coração acelerado de cafeína e ansiedade.

* * *

- Então você sempre trabalhou com grávidas? Digo, pré-natal, gestantes, essas coisas?

- Não sempre. Na faculdade a gente estagia um pouco com tudo, mas tive sorte de passar tempo considerável na maternidade do Hospital de Clínicas. Lá eu adquiri paixão, percebi que gostar de ajudar mulheres em um momento tão delicado, sensível e maravilhoso era o que eu queria fazer pra vida.

- E você tá gostando da nossa cidade?

- Acho que é ainda mais importante ter atendimento obstétrico em cidades com menos população, pras grávidas daqui não serem reféns de Curitiba.

Acenava e escutava com um sorriso controlado de quem quer sorrir boba.

- Mas já falei o bastante de mim, e o que você faz aqui?

- Eu sou daqui, nasci aqui. Meu pai foi funcionário da refinaria da Petrobrás durante décadas. Depois que ele morreu as

coisas ficaram difíceis, ele era consideravelmente mais velho que minha mãe.

- Sinto muito.

- Tudo bem, não é culpa sua, obviamente, acontece. Só que daí tive que largar o sonho de fazer faculdade pra cuidar da minha mãe e ajudar com as contas.

- Sua mãe não recebe nenhum dinheiro do seu pai?

- Isso... é uma questão há muitos anos... eles não necessariamente eram casados como mandam.

- Eles eram “casados” como então?

- Não... eram? - sorri mostrando todos os dentes com vergonha.

- Entendi...

- Mas a gente tá na justiça pra isso! - me inclinei pra frente, não vou mostrar tantas fraquezas da minha vida de uma vez só sem revidar um pouquinho.

Ele sorriu com meus trejeitos. Ele ri das minhas piadinhas. Perigoso isso.

- Tomara que dê tudo certo. E que você possa fazer sua faculdade. Qual curso você quer fazer?

- Acho que já passou o *timing* pra isso.

- Besteira, isso não existe. Qual curso?

- Enfermagem.

* * *

Casamos seis meses depois. Naquele dia me senti tão feliz que achei que ia morrer. Ele me levou no seu canto favorito no mundo,

perto de Contenda, numa região de morros, cobertos de uma grama verdejante com araucárias pipocando em espaçamentos como vírgulas nas linhas tortas que Deus falou. Me chamou de “meu anjo, você me faz vivo, e quero viver o resto da vida com você. Quer casar comigo?” e eu disse sim.

Nos beijamos no topo de uma daquelas pequenas colinas, na frente da fileira de três araucárias alinhadas com os galhos encostados, naquele frondoso abraço selamos nossa aliança.

Nos estabelecemos como uma boa família de classe-média. Financeiramente estável e emocionalmente instável. Não fui fazer faculdade, tentamos falar disso uma vez e entendi que mais do que uma trabalhadora agora eu era uma esposa, jornada dupla. Não poderia dedicar tempo para isso tendo que cuidar do lar.

Mantive o emprego mesmo com a insistência dele. Precisava do mínimo de mim na nossa vida. Uma relação que se culpa sozinha e se sofre em conjunto. No caso dele se sofre por ser casado com uma egoísta como eu. Anos se passaram nessa dinâmica.

Nesse tempo conheci o protagonismo do mundo, onde alguém se coloca no centro de todas as forças e acontecimentos do universo, e conheci o contrário no qual me encaixava, aprendi a me colocar como antagonista do mundo. Tudo de ruim que existe é culpa minha e tudo de bom que atribuem a mim interpreto como visão distorcida dos outros.

Mãezinha morou com a gente por um período, ela tinha períodos de saúde frágil e sentimentos mais vidralícios ainda. Marcelo foi compreensivo, ele sempre esteve acostumado com

independência mas lidou bem com a vinda dela. Conversavam bastante, desde que se conheceram.

- Sua família é de onde?

- Interior, uma cidade pequena perto de Castro. Uma cidade pequena cuja referência é outra cidade pequena.

- Nossa, e você foi estudar em Curitiba?

- Realizar o sonho, né?

- Mas você vê eles com frequência?

- Com minha rotina é difícil, muito trabalho sem folga o ano todo, ainda quero levar a Priscilla pra lá.

Nunca fomos, Marcelo nunca falava da família a não ser quando eu perguntava, e sempre com respostas determinadas a chegarem o quanto antes no final. Assuntos morriam fácil com ele.

Outro assunto que morreu foi minha mãe. Ela teve um período de constante piora da saúde depois de vir morar com a gente. Um mês depois de completarmos um ano de casados ela não resistiu. Marcelo a acompanhava em casa e sempre tentava se fazer presente durante as internações dela no hospital. Eles não necessariamente se amavam, mas mantiveram um respeito.

O que me intrigou foi quando ela estava perdendo a lucidez no leito, quase sem forças ter dito: “anjinho, não tenha filhos”.

* * *

Engravidei pouco depois. Marcelo quis cuidar do pré-natal, não creio que isso esteja dentro dos horizontes éticos. Minha gravidez tornou ele médico e eu paciente. Meu marido navegou para longe e perdi meu porto-seguro.

Gravidez é um processo solitário. Perdi a unha do dedão do pé dando uma topada na quina da cama. Amo pintar as unhas do pé. Não conseguia me abaixar por conta da barriga. Demorou meses até voltar ao normal. Quando pude voltar a pintar a unha inteira já não estava mais grávida.

Um dia tava na varanda de casa. Segurando a barriga, lagarteando no Sol, olhei para o céu na sua transição de azul pro amarelo. Passei a mão no Lucas repetidas vezes até minha blusa dobrar em pequenas ondas de tecido. Nesse meio tempo Marcelo chegou em casa, abriu o portão e entrou. Nenhum de nós se viu.

Outro dia fomos dormir e só dissemos:

- Boa noite.

- Boa noite.

E nada mais. O que havia acontecido? Eu tinha feito algo de errado? Qual era o problema comigo? Durante minha crise de ansiedade silenciosa fiquei olhando para a parede.

Pouco depois virei e o peguei me encarando. Ele dormia. Me não-olhava enquanto dormia, com os olhos abertos e as pálpebras inferiores erguidas formando dois crepúsculos que me mantiveram acordada.

Virei a coisa que incubava o filho do Marcelo. As consultas dele eram... agressivas, e se estendiam por nossa rotina. Meus hábitos, alimentação, cuidados. Deveria limpar a casa e ao mesmo tempo não poderia porque se ele visse eu fazendo esforço surtava. Ele limpava algo? Não. Aprendi que a melhor parte de ser casada com um médico é que o homem quase nunca está em casa.

Lá pelo quinto mês de gravidez (sempre odiei a medida em semanas, me perdia toda) comecei a sentir uma fraqueza

constante. Minha pressão estava baixa, e quando se pesa muitos quilos a mais e seu centro de gravidade está pro caralho, achei melhor resolver isso. Marcelo me passou um remédio que me fazia ficar enjoada. Dias se passaram e eu só me sentia mais fraca.

Reclamei. Ele insistiu. Sai de casa durante um dia em que ele estava de plantão. Fui consultar um médico em Curitiba. O médico disse que aquele remédio mataria meu bebê, que não era indicado para gestantes.

E matou. Lucas foi tirado de dentro de mim em um procedimento cirúrgico de emergência. Meu bebê morreu.

* * *

Marcelo tirou um mês de licença por conta do falecimento do Lucas. Foi pior pra ele, e pior pra mim. Tivemos que dividir os dias juntos. Ele me tratava como se estivesse suja. E eu o tratava como um assassino.

Não conversamos sobre. O que foi pior. O assunto estava escondido nos outros. Rastejava entre interações aparentemente alheias. Ficava olhando por sobre o ombro. Soltava pequenos estopins quando alguém quebrava um copo ou batia uma janela mais forte do que deveria. Uma vez esqueci as roupas no varal durante a chuva e pude sentir que Marcelo queria arrancar meu útero com as próprias mãos.

Um dia decidi irritar ele, pedi pra ver seu certificado de resistência de obstetrícia. Marcelo falou que não tava com ele, e saiu da sala. Se trancou no quarto. Não foi legal da minha parte,

mas o filha da puta matou o meu bebê. Me tornei uma silhueta, signo sem significado, forma sem conteúdo.

Ele voltou a trabalhar.

Alguns dias depois lembrei dessa interação. Como assim “não tá comigo”? Ele nunca falou onde fez residência, só onde havia feito estágio durante a graduação. Pesquisei e não encontrei respostas. Não tinha indício de inscrição dele no ENARE.

Liguei para o Setor de Ciências da Saúde da UFPR, o atendente falou pra eu ligar para o Departamento de Medicina Integrada. A única informação que a secretária conseguiu, depois de puxar documentos e fichas, é que o Marcelo tinha trancado o curso no meio enquanto respondia a um Processo Acadêmico Disciplinar.

“Você fez isso?”, comentei sabendo o que ele tinha feito, só pra saber se ele ia mentir, me enrolar ou, num milagre, confirmar.

“Não foi assim”, em voz e olhos baixos. Ele escolheu a opção enrolar.

“Você não é médico?”, ele ficou em silêncio.

A poltrona dele, do outro lado da nossa pequena sala de estar, era o apoio de 1,82 metros de culpa. Sentado na beira dela, costas curvadas e suadas na camisa social azul-claro, com cotovelos nas coxas. Rosto virado para baixo e ligeiramente pra direita.

“Você quis cuidar da minha gravidez. Você quis cuidar do MEU filho”. Não queria acreditar nisso mesmo já tendo pensado em todo esse roteiro de apontamentos na volta pra casa.

“Ele também era meu filho”.

Marcelo mordeu a isca. Sabia que ele ia tentar se agarrar a qualquer abertura no diálogo para me acusar.

“Você sempre fala dele assim. Como se não fosse meu filho. Como se eu não tivesse sofrido a morte dele”. E agora ele vai falar como eu sou uma mulher horrível e não dei o suporte para ele.

“Desde que aquilo aconteceu você só me acusa, me repudia, tem nojo de mim”. Como esperado.

“Marcelo, você não é médico, sabia? Você receitou um remédio que matou o Lucas. Você não tem permissão de atuar como médico”, minha mão tremia enquanto eu fazia vírgulas visuais cortando o ar, explicava de ponta-a-ponta os acontecimentos em retrospectiva.

“Além disso, você respondia a um Processo Disciplinar por ter quase agredido uma grávida durante o trabalho de parto”.

“Eu só perdi o controle, foi muito estresse”.

“Quantos partos você fez desde então?”.

“Ah, incontáveis”.

“E quantas gestantes você machucou?”.

“Nenhuma”.

“Mentira sua”.

“O que?”.

“Teve uma. E você nega até agora”. Ele finalmente deve ter entendido. Não retrucou, que milagre.

“Marcelo, preciso ir. Ficar não-aqui, preciso ficar longe de você”. Ele parecia não acreditar no que eu dizia, parecia indignado, olha que coisa. Só separou as mãos suadas e assentiu como que com raiva.

Virei de costas e só me lembro de estar consideravelmente longe de casa, andando.

* * *

Dormi na casa de uma amiga. Inventei que estava passando por um momento delicado com Marcelo, sobre nosso divórcio. O mais engraçado é que a ideia de divórcio nem passou pela minha cabeça. Divórcio é coisa de casados, eu não tinha um casamento há muito tempo.

Ela saiu para o expediente no hospital e passei a manhã e à tarde paralisada olhando para a parede do lado do sofá em que dormi. Precisava ligar para alguém. Polícia? CRM? Alguém precisava saber além de mim, alguém que pudesse fazer algo sobre. No final do dia me ocorreu um pensamento: Ele foi trabalhar?

Meu celular tocou, era minha amiga, falava da secretaria do hospital. A polícia queria conversar comigo.

Sai do hospital em desespero. Pedi a chave do carro da minha amiga, sabia qual era o veículo, e dirigi. Um trajeto curto de perímetro urbano. O caminho pavimentado era uma entrada à esquerda na BR-476 em direção a Contenda. O cenário se transformava em rurbanidade até ser dominado pela interioranidade.

- Você sabe onde seu marido está?

- Não vejo ele desde ontem. O que aconteceu?

- Ele falou onde possivelmente estaria hoje?

- Eu não sei. Não pensei nisso.

- Como assim não pensou nisso? Você não sabe o que seu marido faz?

- Nós estamos passando por problemas em casa. Não estamos necessariamente juntos agora.

- Quando foi a última vez que você viu ele?

- Ontem de tarde, antes de ir pra casa da minha amiga D., fui dormir lá.

- Você não faz ideia de onde ele está?

- Não. Mas pera aí, você só saiu me perguntando um monte de coisas. O que ele fez? Vocês vieram impedir ele de continuar sendo médico?

O policial me olhou muito confuso. Ele não conseguia entender como a continuidade da carreira do Marcelo era um tópico em questão.

E não era a questão, era a resposta. Trafegava na rua de mão única que se transformou em terra vermelha alguns quilômetros atrás em um processo alquímico invertido. Só existia fumaça

erguida. E o breu travava sua batalha contra meus faróis-altos, o dia morria e em seus raios de fim de tarde via a silhueta dos morros que não via há tantos tempos, em outra vida.

Parei o carro inclinado na beira da valeta de terra. Freio de mão puxado mas com os faróis acesos. Encontrei nos resquícios de Sol a silhueta de três inconfundíveis araucárias.

D. interrompeu o policial e tentou explicar que “Ele tinha três pacientes hoje. Coincidentemente duas já estavam em trabalho desde ontem para partos de cesariana e uma estava no final da gravidez, poderia vir a qualquer momento”.

O matagal estava muito alto, quase dando na altura dos meus ombros. Sai caminhando com o celular erguido e a lanterna projetando luz adiante. Subia aquele morro e não via nada nem ninguém.

“Ele não avisou ninguém o que tinha acontecido. E pediu para as mães esperarem e se recuperarem para poderem ver seus bebês. A equipe de enfermagem e os maridos não tinham sido deixados de entrar. Ele causou um caos na maternidade. Um caos muito bem orquestrado. Uma confusão completa em um curto período de tempo”.

Já está completamente escuro e a eficiência da lanterna é a mesma quando se acende o celular na praia de noite. Naquela nulidade de visão com apenas o capim alto batendo contra meu peito o vento batia o mato pra baixo e numa rajada mais forte pude distinguir uma forma ao longe. Perto da araucária do meio.

“Ele sumiu, fugiu por trás da maternidade, onde param as ambulâncias”.

Bem mais perto agora. Estava de jaleco ainda. Agachado onde só tinha barro. Mexia efusivamente as mãos à frente do corpo. De costas para mim.

Me mostraram o vídeo da câmera dos fundos. Marcelo saía com a mesma mochila de todos os dias. Dessa vez a levava carregando só por uma alça encaixada na palma da mão.

“Ele sumiu com eles”.

A mesma mochila estava apoiada na base do tronco daquela araucária.

- Marcelo?

Ele parou sua movimentação. Não sabia que eu estava lá até aquele momento.

- Marcelo? - repeti.

As costas subiam e desciam. Tive medo. Percebi que eram soluções. Fiquei apavorada.

- Marcelo, calma. Marcelo, só fica calmo. Marcelo, cadê as crianças?

Ele balbuciou algo em um gritinho fino. Eu odeio a lembrança desse som de merda.

- Marcelo, cadê os bebês?

Parada ali jogando luz nas costas dele. Que parecia diminuir. Ele ficou tão pequeno, quase do tamanho... de um bebê. Marcelo caiu de frente, com a testa no chão e começou a chorar um choro mudo.

Seu corpo virou de lado, minha visão turvou e meu estômago socou minha testa. Desmaiei em pé sem cair e voltei no mesmo instante. Quero, quer dizer, queria vomitar de meu deus do céu puta que pariu que porra.

Ele tinha um monte de entranha, tripa, carne, tudo misturado, ajuntado numa massa apertada contra o peito. Ele chorava e apertava como se fosse um brinquedo pra ansiedade.

Vomitava e chorava e nada saía da minha boca e dos meus olhos me senti completamente seca e drenada. Rolavam lágrimas enquanto ele rolava na lama e eu nunca pude odiar tanto alguém por ter me roubado até o choro e o vômito. Ele tinha feito do bebê uma massa disforme de carne.

Cambaleando e virando de costas quase caí duas vezes quando a visão ficou embaçada e fui coberta por um opaco. No giro do meu corpo lancei a luz da lanterna pro lado e pude ver um pouco de terra elevada na frente da araucária da ponta esquerda. No opaco que se formava só pude distinguir muito marrom salpicado por verde no quadro da terra e da grama, mas tive certeza de notar pollockadas de vermelho emergindo de gaia.

Me afastei voltando pelo mar de capim alto e mesmo abaixo do nível do mato quase me afoguei. O vômito finalmente veio e me acompanhou o caminho todo, até só sair baba amarela de bile enquanto minha garganta queimava azeda. Dirigi entre soluçadas babadas como as que separavam nossos pinheirais.

* * *

Minha psicóloga gosta de me forçar a me expressar. E por mim tudo bem. Acho que já cheguei num ponto de conseguir escrever como ela pediu.

* * *

1. Percebi que não te amava quando só sobrou um querer-amar no qual não restava mais vontade para a coisa-em-si, para querer e para amar, não existia mais potência. Nosso amor se tornou asséptico como seus instrumentos de trabalho e como o balcão de atendimento do que eu ficava plantada.

2. Você quis controlar a vida daqueles bebês e ter o poder de decidir o que fazer ou não com elas e nisso saiu balbuciando “meus anjinhos, minha anjinha” quando a polícia te prendeu, parado no mesmo lugar que te encontrei. Quem acha que pode controlar a vida de anjos tende a se comportar como Deus.

3. Pensei que deixar você controlar minha vida nos levaria mais longe, mas percebi que isso só é válido quando a gente aceita baixar o nível. E tentei percorrer essa diagonal como minha consciência achasse melhor e olha onde fui parar.

4. As coisas boas foram tão reais quanto as ruins? As ruins são realidade, em processos, depoimentos, atas, julgamentos, notícias e coberturas na TV. As boas são fotos na geladeira e em postagens nossas no facebook. Parece desequilibrado.

5. Quando já não te amava a gente se abraçava e eu cheirava seu cabelo e pescoço contando os segundos para o abraço acabar. Te abraçava como te odeio. Te odiava, porque hoje o que sinto é diferente. Amar nessa época era o pior ódio que poderia ter pois te odiava a cada segundo e não deixava de te ter.

6. No último ano meus pensamentos no silêncio parecem pequenos cascalhos batendo contra os chiados de uma pilha de diamantes. Você parecia tão brilhante.

7. No meu novo apartamento escuto o ar elétrico em alta tensão circundando os cabos das torres de energia. Olho pra baixo pela janela e os parafusos entre as telhas de eternit parecem mamilos.

8. Não sinto vontade de existir. Nem de me matar. Querer se matar faz perceber o quanto se existe. Vivo um constante esquecimento do reconhecimento de minha própria existência. Queria deixar de existir de uma hora pra outra. E puff! deixar de ser. Se tornar não-ser. Se tornar um

9. Você também foi amor como um contato salvo de brincadeira como “maridão”. Esqueci de pontuar isso ali em cima.

10. Parece que to escrevendo essa confissão como suicídio. Suicídio de verdade nem passou pela minha cabeça. Solução clichê. Vocês subestimam o que uma esposa pode passar de decepção e seguir um dia após o outro.

11. Marcelo, você não me surpreendeu pelo que passei com meu pai, meu primeiro namorado, aquele rapaz da época do ensino técnico, um clínico geral com quem trabalhei bem antes de você.

12. Fico triste pelas crianças. Pelas mães. Você nunca quis filhos apesar do que falou do Lucas. Nunca imaginei que ia ficar tão feliz pelos que não nasceram, não tiveram chances de ser aquelas crianças com as quais você fez aquilo. Tão grata pelos não-nascidos, que não passaram de hipóteses.

13. Encontrei as cartas da época do nosso curto namoro, que entregamos um pro outro no hospital ou deixávamos onde sabíamos que o outro ia passar e ver. Também encontrei cartas que

fiz para namoradinhos da adolescência. Sempre desenhei corações tortos, a primeira metade ficava arredondada pra fora.

14. Amei muito você. Amava muito você e isso era importante pra mim porque em vários momentos eu me odiava, e amar alguém ou algo que eu fizesse parte fazia me sentir parte de algo digno do meu próprio amor, se tornando uma espécie de amor-próprio. Pensei muitas vezes o quanto eu existir valia a pena apenas por dar a possibilidade de dividir a vida com você.

15. Meu bebê virou carniça dentro de mim.

16. Ser mulher enquanto performance pode ser agir como palhaço de humor físico no circo. Ser um monstro é ambiguidade na qual tanto seu conteúdo quanto sua forma podem ser monstruosos, e geralmente escolhem só o conteúdo, as formas são macias, escondem arestas e espinhos com palavras e promessas. Ser mulher é ser esperta, e ser um monstro é tentar ser mais esperto que uma mulher.

17. Ontem descobriram que você tentou esconder uns pedaços das crianças, uns dedos e uma língua, entre as araucárias. O segundo bebê estava enterrado naquele morrinho que vi de relance. O terceiro já tava morto sufocado na mochila, ia ser o próximo a ser desmembrado. Seu doente filho da puta.

* * *

Faz alguns meses que comecei a faculdade de enfermagem e estamos tendo uma disciplina interessante sobre filosofia. Não sabia que era tão comum estudar filosofia em cursos de ciências da

saúde. E acabei lendo um texto interessante do Schopenhauer, A Metafísica do Amor.

Lá ele explica que o casamento pelo amor é o casamento da inconveniência, quando o bem da espécie é atingido e a Vontade será responsável por gerar um novo indivíduo. Enquanto o casamento pela conveniência, arranjado para adquirir dotes, posses, dinheiro, interesses, trará satisfação para o indivíduo e não para a espécie.

Obviamente é uma noção metafísica, ele trabalha com a categoria da essência, um núcleo de indestrutibilidade da consciência que nos compele enquanto humanos pela Vontade, essência essa que terá em si um princípio de individuação como marca para Vontade da vida, na qual ansiamos pela vida e sua continuidade com afimco.

Já a Negação da Vontade de vida é mediante a qual a vontade individual se separa do tronco da espécie e renúncia o existir dela. No argumento deles, somos espécie enquanto essência e essa essência terá seu princípio de individuação que nos difere enquanto indivíduos, mas essa individuação nunca pode nos desgarrar da espécie enquanto categoria mor. Talvez seja isso?

De qualquer forma, fiquei pensando como nossa experiência se enquadraria nesse argumento. Nosso casamento foi por amor, não foi? Nunca tive interesse no seu dinheiro e no seu salário como médico, não é uma experiência glamourosa. E creio que em certa medida você me amava, no próprio julgamento você falou que me amava quando perguntaram o que você sentia por mim depois de todos os nossos meses de não-casamento.

Você falou que me amava, mesmo comigo te odiando. A defesa tentou argumentar que você não tinha condições sãs para julgar seus sentimentos por mim porque eu havia sido abusiva contigo e havia “esmagado o Marcelo enquanto homem, enquanto profissional, enquanto ser humano, levando-o à insanidade”. Só lembro de ter gritado “ele nunca foi médico, nunca foi um profissional”, sabia que aquilo ia te machucar mais que qualquer coisa, e você merecia ser machucado, era o que eu pensava na hora.

Era para termos gerado uma vida. Lucas poderia ter nascido, mas pra me ater a lógica que propus, talvez você tivesse matado ele pois sua individuação falou mais alto. Seu orgulho enquanto indivíduo impediu a continuidade daquele novo indivíduo enquanto continuidade da essência da humanidade enquanto espécie.

Não sei, tudo parece meio besta. Enfim, não vou mandar essa carta pra ti, não quero me comunicar contigo.

PS: *Lembrei que o Schopenhauer também aborda o conceito de Nirvana, ele define como “o ponto que permanece para sempre inacessível a todo conhecimento humano enquanto tal”. Talvez seja no nirvana que esteja a nossa história, as razões de você ter feito as coisas que fez, que fez comigo, com o meu bebê, com aqueles bebês. No dia seguinte que li isso vi um rapaz com uma camiseta da banda Nirvana, era preta e a estampa era amarela com aquela carinha com os olhos em X e um sorriso, olhei os olhos em X e não sabia se eles enxergavam ou não, em desenho normalmente o X nos olhos quer dizer que aquilo tá morto.*

07 de fevereiro de 2024

17 de fevereiro de 2024

SANGUE-FRIO



SANGUE-FRIO

Nem viu qual ônibus tinha pego. Não se importava com qual fosse seu destino, sua sorte era morar num lugar comum à rota de vários ônibus. A primeira carruagem de aço azul e amarela foi seu destino e carona imediato. Passou o cartão, não notou como era o motorista, se havia algum condutor. A catraca prendeu a mochila cheia que ela carregava.

É bom fugir, ela pensou. Foi um pensamento intrusivo, no meio de toda tristeza, e numa camada emocional acima estava a raiva, que acoberta em vermelho o azul e nesse roxo ela só se sentia cansada enquanto simultaneamente seu coração palpitava.

Era bem tarde, mas não o bastante, ainda tinha os últimos ônibus circulando por aí. Do assento duplo apoiou a mão na borracha que emoldura a janela e olhou os primeiros riscos de chuva pincelarem o vidro. Seu corpo se acalmava, e conforme a chuva mergulhava sua vista em borrões molhados. Lançou um último olhar para o banco do motorista, viu um emaranhado de fios de cabelo e poeira dançando em pequenos círculos ao lado dele.

Lembrou que sentia sono, havia acordado cedo pra aula de manhã. O som da chuva era alto, forte e reconfortante. O corpo precisa de descanso. E dormiu.

* * *

Acordou com um solavanco causado pelo contato dos pneus com algum buraco no asfalto. Sentiu os olhos grudados, a boca seca no canto esquerdo enquanto o direito fazia escorrer um fio de saliva. Ela se babou.

Sentia ter dormido por anos, daquelas sonecas das quais você desperta sem saber onde e quando está, perde-se tempo e espaço. Mas a luz branca, o assunto duro e desconfortável e o tremor constante do motor fizeram-na se recordar rapidinho.

Dentro de todos esses movimentos de vai-e-volta da realidade e de noção de si também percebeu que continuava a chover. Se perguntou que horas deveriam ser, quanto tempo dormiu. Puxou o celular e constatou que já era madrugada, para além do horário dos ônibus de Araucária.

Desbloqueou o aparelho e só viu que ele era inútil. Não tinha sinal, completamente morto. Onde não haveria sinal por aqui? A resposta é que ela deveria estar longe ou em algum recanto específico. Pela janela o mundo lá fora estava invisível de escuridão, pensou em abrir a janela para tentar uma visão mais favorável mas desistiu, ia tomar um banho por nada.

Decidiu olhar pelo parabrisa frontal e tentar descobrir onde aquele ônibus estava passando. Desviou os olhos tão rápido quanto os levantou quando tomou conhecimento que não estava sozinha entre os passageiros.

Algumas figuras existiam lá na frente do ônibus. Era difícil vislumbrar pelo soslaio, e estavam nos bancos atrás do motorista, que ficam virados para trás. Estavam lá sentados de costas para o motorista e de frente para ela.

O som da chuva e do motor do busão pareciam ter aumentado ainda mais nesse tempo que ela apagou. E não percebeu em nenhum momento o ônibus ter parado e terem entrado mais pessoas. Estranho, muito, muito estranho.

Escutou alguns sons e uma movimentação. O canto à noroeste do nariz dela estava escuro, próximo ao canto do motorista as luzes ficam apagadas normalmente. Lá estavam os outros passageiros, fossem quem fosse. Ela continuou posicionada como se tivesse com os olhos entreabertos e olhando pela janela, ao longe poderia se passar por alguém dormindo.

O primeiro som discernível invadiu seus ouvidos tanto quanto irracionalmente empurrou seu coração novamente em batidas aceleradas. Um gemido baixo.

A curiosidade mata. Mas viver ignorante é pior. E todo mundo é invadido por curiosidade quando envolve algo sensual. Ela decidiu estreitar mais os olhos e girar seus olhos em direção ao canto oculto.

Entre as pálpebras bruxuleantes vê os torsos de três rapazes sentados em dois bancos. O do meio parece erguido no colo dos dois das pontas. Elevado com as pernas por cima das pernas dos outros dois. Ela não conseguia ver as pernas deles direito, abaixou os olhos e notou a dança de pernas quase estáticas enquanto os torsos e braços dos rapazes das pontas se mexiam animosamente.

Ela ergueu os olhos e viu algo mais chamativo. Os das pontas beijando e lambendo o pescoço do do meio. De frente pra ela, o da esquerda estava com uma mão acima do coração do rapaz do meio, e o da direita com uma mão segurando o pulso direito do rapaz do meio.

Essa dinâmica relacional gerou um literal cruzamento no qual os braços dos rapazes das pontas formavam quase um X por sobre o do meio. Ela pode notar de longe as contrações de corpos contra corpo, línguas contra pescoço e o latejar. O da esquerda colocou a

mão do da direita em cima do pau. Eles estavam afincos na missão de degustarem a pele do moço que aceitava tudo. Eles balançavam lentamente e de maneira consideravelmente silenciosa em um ritmo de estranho prazer.

Observou durante alguns instantes. Pareciam em transe, extasiados, ou só com tesão mesmo, ela tentava diagnosticar confusamente. Mas algo começou a puxar sua atenção.

Todos de preto, usando roupas de jeans e couro, entre jaquetas, coletes e regatas que se misturavam. O do meio parecia muito mais pálido, ele tava assim antes? Ela não sabia dizer.

Mesmo no escuro ela reparou em algo, o da esquerda parecia morder a orelha do do meio, recuou um pouco a cabeça e voltou com uma lambida de baixo pra cima, percorrendo toda extensão do pescoço. Na volta pra baixo, tomou curta distância e mordeu em cheio o pescoço do rapaz. Parecia ter ido com força. Grudou nele.

Ela só estranhou porque havia direcionado sua atenção no da esquerda. Se tivesse focado no da direita poderia ter adiantado o incômodo. O da direita já estava confortavelmente atracado no pescoço do do meio. Ela percebeu que mesmo no escuro daquele canto de ônibus algo brilhou contra a luz do restante que invadia aquele momento íntimo.

Um filete de algo escorreu pelo pescoço do rapaz do meio e parou na borda da gola da sua regata de couro. Ele estava mais letárgico que antes, tentou mover inutilmente o braço esquerdo que estava sob o ombro do rapaz da direita e não teve forças para erguê-lo.

Era um líquido escuro. O ônibus deu outro solavanco. Ela perdeu o equilíbrio da posição de falso sono voyeurista dela e quase caiu de frente.

Ela parou onde começou seu desequilíbrio. Olhava pra baixo enquanto o coração batia dentro de suas orelhas e garganta. Suas costas coçando com o suor e calor repentino que cobria seu corpo.

- Droga! Merda! - xingou uma voz grave e jovem.

Ergueu os olhos e viu o rapaz da esquerda limpando a boca com a manga da jaqueta jeans preta, o outro fazia o mesmo, vestido em uma jaqueta de couro.

O rapaz do meio estava imóvel, no meio deles. Seu corpo tombou para cima do da esquerda, que o segurou, o da direita ajudou a puxar o do meio ao seu lugar original. Ela pode ver que o pescoço dele tinha duas manchas grandes e escuras, uma de cada lado.

O celular tocou. Um toque vibrante e caloroso invadiu o ambiente vazio de vida. Ela abaixou os olhos e só viu o nome “MÃE” na tela antes de apertar em rejeitar tão rápido quanto se pensa. Levantou o rosto e quatro olhos a encaravam, e duas bocas agora descobertas, sujas de vermelho, como que de batom borrado, não se mexiam ou faziam expressão frente à realidade da tomada de consciência da existência dela.

Paralisados. Tanto caça quanto caçadores. Ela estendeu a mão e apertou o botão para o ônibus parar enquanto usava o apoio para se levantar. O ônibus parou quase que instantaneamente. Quando se deu conta estava na calçada, não sem se lembrar segundos depois que no último vislumbre de vista

percebeu o vermelho salpicado em gotas pelo chão do ônibus a frente de onde os três estavam sentados.

Não chovia. Havia parado em algum momento há muito ou pouco tempo atrás. Dentro da infinidade de tudo não a tinham computado como presa. Não a tinham perseguido na sua fuga. Dia da caça.

* * *

Na calçada de madrugada. Quando tomou conhecimento da realidade se preocupou em reconhecer seu entorno. Para sua surpresa, havia... vida?

Não reconheceu onde estava. Olhou para aquelas ruas e só pôde deduzir o óbvio: ou não estava em Araucária, ou conhecia a cidade menos do que imaginava. O ponto de ônibus em que ela desceu parecia igual aos da sua cidade, de metal, da sustentação até o assento, completamente pintado de cinza cromado.

A sua frente, do outro lado de uma rua de mão dupla, uma praça tomada por grama e umas poucas árvores grandes que se postam frente à outra construção. Acobertada pelos galhos e folhas altas, o que era visível naquele ângulo era apenas o muro alto e escuro que ocultava o que aparentava ser uma casa bem grande.

Virou para a diagonal esquerda e viu o que parecia uma igreja na esquina a frente da praça da mansão.

O vermelho chamou sua atenção. Notou algo diferente e seu rosto foi puxado mais ainda a esquerda como que segurado por mãos frias e esqueléticas. O arrepio gélido começou atrás

do crânio e desceu até a base da espinha. Era o vermelho que chamava atenção.

Na mesma quadra na qual ela estava na esquina viu o que parecia um bar noturno, ou algum tipo de balada. O prédio de dois andares era ao mesmo tempo baixo e imponente. Sem janelas. Um homem grande, vestido com um terno, estava na frente da única entrada visível.

O que mais chamava a atenção era o letreiro acima da portadupla preta de entrada. O neon mostrava o contorno de um osso branco sendo perfurado nas pontas por dois dentes caninos vermelhos. No centro do osso era possível ler “TUTANO”.

Dois passos quase instintivos em direção ao lugar são seus únicos movimentos. Quando sai da proteção do ponto de ônibus o vermelho se torna mais intenso. Ela percebe que não era o vermelho dos caninos que invadia seus sentidos. Atrás do ponto, do lado do Tutano, outra praça permanecia.

Parecia antiga, algo nela remetia a outros tempos, tempos de estranheza. A praça triangular que desembocava na esquina da quadra era circundada por um baixo muro de pedra, ou uma lembrança de muro, de no máximo trinta centímetros. A pedra era escura, escura de sujeira, tempo, impureza.

Uma única árvore preenchia o meio daquele cercadinho ancestral. Era baixa, porém com uma copa que se estendia largamente para todos os lados, preenchida por milhares de folhas.

Pendurada abaixo de um dos galhos, uma forte luz vermelha irradia de um compartimento parecido com uma lamparina. A luz não é incômoda, contudo, é densa, escura, quase licorosa.

Era isso que a chamava. Abaixo daquele projeto de estrela rubra, uma cena assustadora e peculiar. Várias pessoas deitadas. Dormiam, algumas encostadas umas nas outras, pareciam em sono profundo. Ela notou lentas e demoradas respirações.

Absorta. É muito... diferente, e parece errado, mas é interessante, gosto de olhar. Confortável, estou tão cansada.

- Vai entrar?

Reconheceu sua própria existência assim que ouviu a voz que parecia vir de lugar nenhum. Ao seu lado, um rapaz com um sobretudo preto, botas de couro e fumando um cigarro dava um ligeiro sorriso. Seus olhos eram inteligentes, só que não havia malícia, ela os encarou rapidamente exprimiam, pelo contrário, o arqueamento de sobrancelhas preocupadas, e talvez se divertindo com a situação.

- Oi? - foi o que ela disse querendo dizer “Pode repetir?”.

- Oi, tudo bem? - e estendeu a mão pra ela, que retribuiu e ele apertou com delicadeza, mantendo a distância - você vai entrar? Tá rolando um especial legal. Flash-back gótico.

- Eu... eu não sei - olhou para frente e a praça era uma velha praça com uma árvore no centro. Ela sabia que em algum momento não tinha sido assim. Suas lembranças desde que desceu do ônibus eram confusas, fragmentadas, cacos.

- Desculpe, não me apresentei. Meu nome é Benício, prazer - e sorriu, parecia contente.

- Julia - ela respondeu sem pensar sobre seu próprio nome, sobre quem era.

- Bom, vou entrar lá de novo. Sai só pra fumar um cigarro e te vi aí, pensei que podia estar procurando um rolê ou alguém

- jogou a guimba no chão e pisou em cima com delicadeza, num movimento rápido e leve - tá esperando alguém?

Julia escutou seu celular vibrar no bolso traseiro. Tirou da calça e leu “Cadê você?? Volta pra casa agora!!!”. Destroços de memórias foram dragados das profundezas aquáticas do subconsciente e ela se lembrou quem era e é.

- Pera! Tá quanto pra entrar?

- Barato. Se precisar de ajuda a gente paga pra ti.

- Tenho dinheiro. Eles olham RG?

- Não.

* * *

Julia pegou sua comanda com o segurança da entrada. As portas se abriram para revelar uma breve antessala, vermelha nos horizontes do chão e foro e no vertical das paredes. No cômodo existia apenas vermelho e trevas, sem nenhuma iluminação fora a vinda das frestas das portas.

Benício empurrou a segunda porta. Foram recebidos por uma onda de música e cheiro de gelo seco, fumaça escapou para dentro da antessala. Antes que adentrassem na pista de dança ela teve certeza de ver corpos, pernas entrelaçadas, mãos apertando carne e línguas em um canto escuro daquele resquício de universo particular.

Conhecia o que tocava. Era acostumada com música darkwave. Pensou em como não sabia da existência de um lugar que tocava esse tipo de música, menos ainda que fosse tão cheio. Olhou para os lados. A pista era escura, mas nada que os olhos já

não estivessem se adaptando. Percebeu que os outros tinham um estilo como o que ela normalmente usava.

Não era todo dia que encontrava gente como ela. Todos os esquisitos. Balançando a cabeça e os braços em ritmo com os demais sentidos. Só parou quando percebeu a automaticidade de seus gestos.

Quando pensou no que estava fazendo, outro pensamento a invadiu. “Onde tá aquele cara?”. Benício sumiu dentro da pequena multidão.

Decidiu atravessar os góticos que dançavam em ritmo com o DJ que comandava um festival trevoso e ironicamente divertido de trás de um palco que o ocultava quase completamente.

Girou a cabeça num movimento de arco e viu acima de todos um globo de espelhos consideravelmente grande. Continuou e viu que no alto, na diagonal oposta ao DJ no chão, tinha o que parecia uma cabine, talvez um camarote. Era consideravelmente grande, tinha vidros por toda a frente, vidros escuros e provavelmente espelhados.

Lembrava um trailer, como o que ela tinha visto num documentário há muito tempo sobre plataformas de petróleo, onde fica o setor administrativo. Ao invés de perfurar petróleo, lá de cima, perfuram e atravessam a juventude com álcool e música alternativa.

O rosto de Benício entrou novamente no seu campo de visão como uma máscara branca naquele ambiente escuro. Seus olhos a encararam. Eram cor de mel, agora que ela reparou, e eram bonitos, ele era bonito. Sobrancelhas grossas, nariz grande e

harmonioso, uma boca surpreendente pequena porém com lábios grossos que se projetavam pra frente, como um pierrot.

- Quer deixar sua mochila no guarda-volumes?

Ela sentiu o peso que a acompanhava. Quilos apoiados em sua coluna e ombros carregados dos últimos resquícios de uma vida inteira, o que coubesse de uma vida entre alguns panos com duas alças. Seguiu ele entre os outros seres noturnos e no meio do caminho começou a ficar pra trás. A mão dele esticou e alcançou a dela. Era gelada, ainda afetada pelo frio do lado de fora. As duas mãos permaneceram delicadamente unidas até um balcão estar logo adiante de Julia. A mochila foi para as mãos de um rapaz japonês, baixo, careca e completamente tatuado até o topo da cabeça. Ela se sentiu mais livre, leve e solta, tinha literalmente tirado um peso das costas.

Os dois apoiados no balcão. Julia inclinada em cima do braço esquerdo. Benício com a cabeça virada enfiada entre os dois braços, olhava por sob o bíceps esquerdo como se estivesse escondendo um segredo. Matutou encarando Julia, que fingia não ver olhando o ambiente ao redor.

- Quer uma bebida? - não parecia ser a pergunta que surgiu de todo aquele momento de reflexão interna. Talvez ele só estivesse confuso sobre o que fazer.

- Ok - Ela concordou e sorriu. Ela se sentia confortável? Estou com um completo estranho em um lugar estranho cheio de gente esquisita, mas o mais estranho é que era acolhedor. Não confortável como tomar um banho e ir pra cama, era mais como quando várias pessoas te abraçam ao mesmo tempo pra comemorar algo. Era coletivo, algo em estar ali com aquelas

peessoas dividindo aquele momento. Era a maior reunião de góticos que ela tinha visto (enquanto moradora de Araucária), o que faz sentido, e todos pareciam contentes, se não felizes (mas eles podem?).

Julia se divertia com seus próprios pensamentos enquanto iam até o espaço atrás da pista de dança. Algumas mesas com cadeiras, todos conjuntos vermelhos, faziam companhia a um bar com um balcão relativamente curto, o espaço era iluminado por neons vermelhos, dando uma pulsão de vivacidade que parecia escorrer pelo balcão manchado pelo suor dos copos que saiam e entravam rápida e aleatoriamente.

Como o balcão era pequeno para o tamanho geral da balada, uma fila logo era formada e três atendentes iam se revezando para dar conta da demanda. Eles entraram na fila. Ela quis tomar uma iniciativa.

- Eu nunca tinha ouvido falar desse lugar? Onde ele fica?

- Como assim?

- Tipo, em que bairro a gente tá?

Os dois gritavam um para o outro, bocas coladas em orelhas sendo emudecidas pelo som gritante de sintetizadores e vozes graves. Ele não respondeu. O que isso poderia significar? Quando percebeu já estava no balcão.

- Dois cancer de la peau - gritou para o atendente que o encarava e segurava sua comanda. Anotou e devolveu o papel para Benício - gosto muito desse drink. Funciona como uma soda italiana alcóolica.

- Só que ao invés de italiano se fala em francês - brincou - curioso um drink em francês.

- Sim, só que se for ver boa parte dos drinks tão em outros idiomas. Ou é Cuba Libre, Piña Colada, Sex on the Beach, é tudo em inglês ou espanhol.

- Até aqueles drinks que nunca vi mas sempre ouvi falar. Daqueles que a gente só vê em filme ou série, nunca vi ninguém bebendo um Cosmopolitan, por exemplo. Martini, então, ainda mais com azeitoninha. Ninguém bebe isso.

- Parecem coisas que alguém vai beber num balcão em bar de hotel, do lado do saguão - Benício folheava o cardápio do bar - mas eles têm os dois aqui - apontou o dedo nas opções listadas/mencionadas.

- Acho que não, fiquei curiosa com o que você pediu - Julia estava olhando o cardápio ao lado dele, cada um segurava uma folha - aqui é outra coisa que nunca provei - indicou com a outra mão.

- Bloody Mary?

- Isso, nunca nem provei suco de tomate. Mas eu acho o visual bonito.

- Por quê?

- Gosto de vermelho. E é denso, quase como sangue.

Dois copos envoltos em guardanapos apareceram borbulhando com um líquido bege, deslizaram rapidamente e eles seguraram quase que no modo automático. A superfície era coberta por filetes marrom-claro que lembravam cascas de pele ressecada vivas pela ondulação do dióxido de carbono na água com gás.

- O que é isso? - Julia perguntou movendo seu copo perto dos olhos de Benício.

- Raspas finas de canela. Fica assim. Esse é o “efeito dramático” do drink.

- Bem intenso em conceito e execução.

Caminharam segurando suas bebidas, andando lentamente pelo fundo da balada, entre as mesas e espaços vazios, no local mais adequado para alguma papeação com menos necessidade de gritaria.

- E o que você faz? - Julia percebeu que está num fluxo na qual quanto mais vivia mais percebia sua ignorância sobre as coisas e pessoas ao seu redor.

- Como assim? - Ela sentia que tinha algo nos olhos dele quando ele se virou para responder. Parecia... confuso, e simultâneo a isso parecia mais alto, ocupar mais espaço, em um geral, como se seu sobretudo começasse a sair de suas costas como duas asas. O drink já tá mexendo comigo, foi a justificativa que Julia encontrou.

- Você estuda, trabalha? Quem é você? - soltou em tom de brincadeira.

- Eu não sou minha função - tinha um tom sério, sem sorriso no final para indicar que era piada.

- Claro que não, então o que você é? - tentava remendar e consertar aquele diálogo que parecia já quebrado.

- Eu fico por aí - respondeu em tom automático.

- E ficar por aí dá retorno? - Julia já estava entre o limiar de se preocupar e se irritar.

- Dá pra viver.

- E você vive bem?

- Dá pra ser eu mesmo.

Ele deu a abertura pro golpe.

- E quem é você?

- O cara que fica por aí.

Merda, argumento circular. Olhou pra baixo enquanto os passos vagarosos os seguiam. Ficaram sem contato visual por bons instantes. A sinceridade é a melhor lâmina pra se cortar um gelo, só que esse gelo tinha em torno de 1,80 e usava roupas antiquadas e casualmente elegantes.

- Tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa? - Ela perguntou perto do ouvido dele, olhando o máximo que podia para o outro lado.

Ela não estava acostumada a fazer esse tipo de pergunta e aparentemente ele não estava acostumado a receber.

- Sim, só estava pensando em algumas coisas que preciso fazer. Isso cortou um pouco da diversão que a gente tava tendo, né? Desculpa.

- Tá tudo bem, não se preocupa, sério.

- Foi mal mesmo, sempre faço isso.

- Hey, mas não é nada que não possa ser reiniciado. Quer começar de novo?

Ele acenou a cabeça olhando pro outro lado.

- O que você faz?

- Então, na verdade trabalho aqui, sou meio que promotor dos eventos.

- Olha só, o dono da festa.

- Quase isso, mas hoje fiquei de folga, tô aproveitando só.

- E tá conseguindo separar diversão e negócios?

Benício esboçou um sorriso.

- Quando seu negócio é a diversão fica difícil mas a gente dá um jeito - e virou para ela.

Seus olhos tinham algo diferente agora, foi uma sombra de malícia, mas por alguma razão Julia não sentiu medo, sentiu que era algo próximo dela. Ele moldou suas feições em uma expressão atuada de surpresa.

- Lembrei o que queria! Fumar um cigarro! Quer ir no fumódromo comigo?

- Claro.

- Beleza, fica depois daquela portinha de saída de emergência. Caminharam com objetivo.

- Por que você me buscou lá fora? Se tem um fumódromo do outro lado e você tava querendo fumar.

Contataram olho com olho enquanto andavam.

- A verdade é que eu fui olhar o movimento da rua e te vi. Você é bonita e parecia preocupada.

- Nada é sem interesse - disse em tom de falsa indignação.

- Eu queria que você tivesse um bom momento, sem interesse ou segundas intenções - tinha alguma dignidade na voz.

- Ah, é? Que pena - em atrevimento capaz de atravessar o ar. Benício entendeu.

- E claro que também fiquei pensando em como seria morder esse belo pescoço - as palavras saíram com rapidez, mãos tremiam por baixo do sobretudo pesado.

- Boa sorte com isso - articulou com desafio e incentivo.

- Não preciso de sorte, só preciso de você no lugar e no momento certo.

Chegaram na saída dos fundos que dava para o fumódromo. Assim como na entrada, é preciso atravessar uma antessala escura.

- Olha, acho que você conseguiu - Julia se virou na direção dele.

A língua dele invadiu a boca dela com as mãos agarradas em sua cintura. Dentre aquele apertado espaço de tempo seus dedos dedilhavam o pescoço dele e notou que ele era bem gelado. O beijo longo inicial só foi separado quando já estavam encostados em alguma das paredes. Não sabiam onde nem qual, além da escuridão não fizeram questão de abrir os olhos, toda concentração centrada no tato e suas extensões e possibilidades.

Se jogou contra ele quando estavam acomodados e no encaixe da cintura com cintura abaixou os braços e abriu os botões do sobretudo dele com destreza, sem descolar boca com boca. Passou as mãos por debaixo da camisa que ele vestia.

Removeu as mãos num susto. Tirou a língua da boca dele e chegou em sua orelha.

- Você não tá com frio? Seu corpo tá tão gelado - sussurrou.

Ele deu uma risadinha no escuro e segurou o queixo dela delicadamente.

- Não esquento, é normal, tenho corpo de cadáver - e beijou ela.

Voltou a encontrar naquela boca uma motivação maior que sua preocupação. Colocou as mãos no torso dele mesmo com a pele gelada e dura. Algo agora era diferente naquele beijo. A boca dele parecia grande, como se a língua dela tocasse menos espaços. Seus dentes também pareciam maiores.

Ele deslizou o rosto pela sua bochecha e ela pode sentir ele a cheirando. Sua língua correu por seu pescoço e ela sentiu o molhado que pulsava no meio dela se dividir em dois e cada parte se espalhou por uma perna, chegou nos joelhos que tremeram em vacilo.

Entre a saliva que ela sentia escorrer em sua pele o macio da sensação foi cortado pelo que parecia uma sensação ardida. Ela segurou o cabelo dele pelo prazer e notou que a cabeça dele não moveu nem um pouco. O calor dela contrastava com o frio que ele transmitia. Sentiu seu corpo latejar em todas as suas extremidades, em ondas de quentura. A barriga dançava e seu corpo comprimia sem peso. Cargas que pareciam contrair todos os seus músculos do umbigo pra baixo e que forçavam os de cima em ímpetos agressivos passionais. Agarrou ele até os dedos formigarem e sentiu seu pescoço pulsar uma grande vez, como em um acúmulo de êxtase.

Depois não lembrou de mais nada.

Cantos gregorianos ao contrário. Preso nas pinturas de demônios bidimensionais projetados numa tela de LED totalmente escura, emanando escuridão em sua luz. Pássaros cantavam em sepulcros como túmulos preenchidos por livros. As linhas não escritas em um oceano de vermelho que preenche o ar.

Não, não preenche nada, é o líquido dos meus olhos. Sem água. Os minúsculos e finos vasos capilares que bombeiam sangue para minha visão ocupam todo meu aparelho ocular. Tudo se

torna um vermelho pastoso até que abrem-se as pálpebras e agora o rubro se torna o vermelho vivo de uma rosa. Existe muito frio mas nenhum vento. O frio vem de dentro. Frio é interior, como uma casa vazia sem mobília. Calor se expande, frio contrai. É pra dentro que se olha, pra dentro só tem vermelho cor-de-sangue. E dias e dias e dias, e noites e noites e noites.

* * *

- Mormaço queima - ele disse.

- Mas dói?

- Incomoda, como aquela coceira que dá quando se anda rápido com uma blusa de lã.

- Entendi.

- Só que se você andar muito tempo no Sol vai começar a descascar. Melhor evitar, não é um efeito agradável. Por isso falei que você pode ficar, no máximo, alguns minutos debaixo do mormaço.

- E como é a convivência? Costuma existir paz, ou pelos menos todos se dão bem? É uma sociedade unida?

- Não costumamos gostar muito dos nossos, aqui encontrei amigos e uma moradia pacífica.

Julia lembrou de quando acordou. Debaixo da árvore com a luz vermelha. Sentia-se como o fiapo do caroço. Não conseguia, e nem queria, se mexer. O rosto virado para cima via a lâmpada em todo seu esplendor microcósmino.

A cabeça sugada de qualquer água, sentia a boca rachada, língua incrustada de feridas secas. Os olhos roçavam contra a

pele interna das pálpebras em forma de quase lixa. Uma ressaca maldita.

Abriu os lábios em desespero, percebeu que estava sem ar. Tossiu.

- Eu não tentaria isso - disse um rapaz com cabelo longo sentado na muretinha da praça. Olhava atentamente para ela.

O Gilio não era amigável como Benício.

- Mais uma pra casa? Já temos muitas bocas para alimentar, e muitas para caçar.

- Não enche o saco, Gilio. O Epitácio não achou ruim - Benício apareceu do outro lado da praça.

- Bom, ele pode pensar o que quiser, assim como eu. E não concordo em termos mais sangue-frios novos.

Julia se ergue sob a luz vermelha numa noite que o Tutano não abria. Cambaleou de início, como reaprender a andar. Foram caminhando lentamente. Benício ajudou ela a entrar no Tutano e a subir as escadas. Ela conheceu o camarote especial.

- Quanto tempo eu dormi? - foi a próxima pergunta dela para Benício.

Os dois sentados num sofá longo de veludo roxo. A meia-luz preenche o ambiente por dois lados, fio de LEDs roxos no vão do forro, e outro de LEDs verdes no rodapé.

- O tempo passa diferente, se é que passa, não acho tão repetitivo, só monótono, repetitivo exigiria a noção de repetição, a regeneração do corpo e o rejuvenescimento constante faz tudo parecer sempre novo. As lembranças continuam, mas o senso de repetição se perde, o que é bom, se não viver tanto e não aprendendo com os erros seria um saco. Você vai ver.

- Boa enrolação. Quanto tempo eu dormi?

- Duas semanas - respondeu uma voz nova e única.

Era uma figura boa de se olhar, ao mesmo tempo que olhar parecia provocar um sentimento de impotência, vergonha, resignação. Não tem como decorar seu rosto. Ele se manifesta não pela aparência, mas por alguma potência, como de sua voz, grave e reverberante. Andava com uma camisa social preta, uma figura magra, alta, porém vigorosa, forte à sua maneira.

- Prazer, Eptácio - estendeu a mão com alguns anéis, todos com uma pedra vermelha, menos o da ponta, cor de pérola com uma pequena cruz dourada entalhada.

- Cruz não faz efeito então? - disse apertando a mão dele.

- É um debate interessante - Eptácio tirou o anel e o encarou, seus olhos eram uma lembrança - muito relativo e que depende muito.

- Depende do que? - ela tomou coragem para expressar sua curiosidade.

- Do quanto você acredita.

Ele jogou o anel no colo dela. Julia segurou no susto, por alguns instantes não ocorreu nada.

- Aí! - e deixou cair no chão com um susto. Benício apenas assistia a cena, calado.

- Te machucou? - perguntou Eptácio.

- Foi só um susto, senti um calor esquisito.

- Então você ainda tem alguma coisinha de cristão aí dentro - pareceu sorrir - se quiser, aqui é sua nova casa. Benício...

- Sim, Senhor - respondeu prontamente.

- ... tire as dúvidas dela, e a apresente a realidade - saiu andando em passos mudos, como se seus pés não tocassem o chão e o movimento do andar fosse um hábito.

No alinhamento do Cruzeiro do Sul a ponta vermelha parecia rumar como uma gota de calor entre as estrelas brancas. Uma impressão falsa, estrelas vermelhas são mais frias, velhas, esquecidas. Estrelas brancas marcam a juventude, o calor, a movimentação de forças cósmicas numa produção de energia empurrada pelo infinito nas forjas do universo. Vermelho como o desejo pelo calor há muito esquecido, não como propriedade de si, marco de decadência, fantasiado de vitalidade, paixão, sangue.

Julia e Benício estão na praça ao lado da mansão. Na outra quadra, sentados na grama e observam uma fila de jovens aguardando para entrarem no Tutano.

- No final eles são isso mesmo - disse ele.

- Como assim? - respondeu Julia sem virar os olhos.

- Tutano, gordura, energia para alimentarem toda uma espécie.

- Pelo menos estão se divertindo.

- São só alimentos, chega um momento que não os vemos mais como... pessoas. Ou os vemos como pessoas, mas isso não significa mais nada pra gente.

- Se você não sente nada por eles, por que sentiu por mim?

- Eu não sei - absorto em pensamentos, acendeu um cigarro.

- Me dá um - e pegou um - pelo menos a gente não tem que se preocupar que isso faz mal.

- Você parece bem contente com isso, já se passaram algumas semanas e você não teve nenhuma crise existencial.

- Preciso me acostumar mais com essa existência para poder crisar com ela. Minha antiga vida já tinha bastantes rachaduras para analisar e querer dar vontade de sumir.

- E foi isso que você fez, né? Sumiu, pra sempre.

- Durmo num dos quartos da mansão do Epitácio. Tiro minhas refeições onde trabalho. É um estilo de vida bem prático. E conhecer você foi bem legal também - empurrou ele com jeitinho, sorriram um para o outro.

- Só penso que podemos ser mais. Sou apenas uma isca, meu trabalho é atrair jovens, chamar, fazer eventos online. Chegar aqui e conversar com eles enquanto os encaro e faço notar outra realidade, uma atraente para que ignorem os corpos dos recém-transformados e as ocasionais mordidas entre corredores e cantos escuros.

- Você já faz isso há tempos, deve cansar mesmo, mas ainda é uma vida melhor que de boa parte das pessoas.

- Mas eu não sou uma pessoa, e não levo a vida de uma pessoa, então talvez tenha alguma justiça nisso. Só sinto que quero algo diferente.

- E o que te fez perceber isso? - trouxe uma última vez e jogou a bituca longe.

- Em parte, você - terminou seu cigarro e o apagou na grama. Olhou para Julia, ela parecia tão bonita quanto em qualquer outro dia. Mesmo morta era viva. A pele era mais pálida, mas

os olhos embaçados combinavam com suas íris negras, como uma sombra atrás de um vidro opaco. A franja e o cabelo preto eram ligeiramente enrolados. Estava hidratada, do cabelo aos lábios, deve ter se alimentado recentemente - Na noite que nos conhecemos refleti sobre o que estava fazendo, e me forçava a te encarar, mesmo envergonhado, para poder ter o mínimo de sugestionabilidade sobre você.

- E eu não fiquei contigo porque você me manipulou.

- Sei disso, você flertou comigo de volta. Isso não aconteceria se estivesse sob efeito de sugestão - apoiou o queixo no próprio peito - e você mexeu comigo.

- E também tem outra coisa - ele parecia prestar a tomar coragem, ela olhou com afetuosos interesse - você me fez chorar por você. E eu tenho uma relação complicada com choro. Chorei de preocupação.

Julia jogou os braços em volta do pescoço dele e deu um beijo na bochecha.

- Eu entendo, mas comigo é diferente. Detesto chorar. Chorava muito quando era criança, qualquer foto estou lá com rosto inchado e cara de sofrimento. Quando adolescente comecei a me forçar a chorar quando via filmes, animações, dramas, romances, etc., geralmente acompanhada da minha namoradinha da época. Muitas vezes eram choros forçados, sentia que precisava chorar para me mostrar sensível frente a arte que eu já estudava e buscava conhecer mais e me envolvia intelectualmente e emocionalmente. Choro catarse era quase inviável pra mim, e continua sendo... só que sinto vontade de chorar quando penso em você. Mesmo que eu não chore, eu sinto vontade. Obrigado.

E sorriram um para o outro.

- Mas enfim, quer dançar um pouco? - ela pergunta.

- Claro, e quero pegar algo pra beber.

- Qual o problema dessa vez? - Julia já sem paciência.

Abriu a porta após ouvir muita gritaria vindo lá de cima. O dia dava seus últimos gritos lá fora e estava conferindo se os carniçais faziam a limpeza completa do Tutano. “Completa” tanto quanto uma balada escura pode ficar limpa ou notadamente suja.

Da porta podia observar Gilio de pé, exaltado, e Epitácio sentado. Gilio era o único que se permitia, ou que Epitácio permitia, ficar zangado e demonstrar livremente na frente do chefe. Talvez fosse necessário isso, ela ponderou, “alguém que contraste com a paciência carregada do outro, uma oposição de irritabilidade leve, em um Yin-Yang”.

Aqueles olhos sem rosto definido se divertiam com a cena, como se apreciando um babuíno num zoológico. Ela via um sorriso naquela cabeça sem forma que exerce tanta influência sobre todos.

- Nosso amigo Gilio não aguenta mais carniçais...

- E nem sangue-frios novos! - cortou

- ... e nem sangue-frios novos - sorria do começo ao fim da frase, deslizando as palavras com gosto por aquela língua morta.

Mas ele tinha razão, e sabia que parte da diversão que o chefe sentia era concordância. Todos concordavam, e o único com coragem pra soltar isso era Gilio, porque ele não se importava

se ela gostava dele ou não, já que ele não gostava dela, e nessa saudável interação a conversa se desenrola.

Se torna doloroso compreender, ainda mais sendo das últimas levas, depois dela só mais um se juntou ao grupo. Eles já estavam perto da segunda dezena de sangue-frios. Se somar com os carniçais a serviço deles, o número quase duplica, mas ao menos esses dormem em suas respectivas residências.

O problema não eram os recursos, mas quanto mais personalidades reunidas menor é o controle que se pode ter sobre elas. Epitácio tinha muito poder, mas não era onipresente, e talvez já estivesse num declínio mental acelerado. Sua presença como uma sombra arrebatadora dava sinais de falha, e não era física, era a mente, como se uma senilidade sanguínea.

Quanto mais, mais difícil se esconder de olhares curiosos. Sugestionar jovens góticos com pupilas vampíricas era uma coisa, manter a polícia ou qualquer outra instituição repressiva e coercitiva distante era outra. Nunca tinham ouvido falar de caçadores no Paraná, só que não são o tipo de gente que vai se anunciar quando chegar num ninho de morcegos como aquele.

O maior problema daqueles criptídeos seria não serem mais conhecidos como tais, e virarem objeto de dúvida na criação de uma nova família entre a ordem Chiroptera e a dos Primatas. Ficção se tornar realidade. Terror ser cotidiano. Estranho passar para o normal.

Gilio tinha razão quando dizia que os novos eram o problema, e ela entendia disso, lembrou dos que não passaram na calourada de chupação de sangue. Os alheios, que não pertenciam a nenhum tipo de coletivo, união, sociedade ou formalidade

grupal do tipo, possivelmente sangue-frios novos transformados por um vampiro experiente semeador de caos.

Problema que não para por aí. Esse Diabo todo-poderoso e sua prole maldita continuam. Perigo potencializado pelo fato que os novatos ficam com os instintos assassinos e a sede no ápice após a transformação ser concluída. As primeiras semanas são o momento crucial se um sangue-frio será possivelmente um membro da sociedade ou uma besta sanguinolenta capaz de arrancar nacos de carne de um corpo vivo com um rápido e calculado movimento. Tão de presas duras.

Julia viveu esses dois extremos em pouco tempo. Naquela noite viu dois alheios acabando com a vida de um pobre rapaz. Naquela noite também foi chupada, com todo respeito, como deveria ser mantida sob a proteção do medalhão vermelho. Aquele item é uma lâmpada de Tesla preenchida com plasma mesclado a glóbulos vermelhos de Nosferatu - um tipo incomum deles, horrendo e de pele acinzentada cheia de furúnculos e obstruções, revestido por uma cabeça que se assemelha a um crânio com fortes poderes sugestivos impulsionados através de globos oculares pretos com íris amarelas de puro plasma -.

Quando debaixo da influência do medalhão o novo sangue-frio não desperta da transformação para se alimentar até que o período mais intenso de sanguinolência tenha passado. Um sono confuso de semanas, hibernação na mais pura sede, porém necessário.

- O número de homicídios hediondos só aumenta nos jornais, e estão aumentando seu raio de caça - a fala impositiva de Gilio tirou Julia de seu estado introspectativo.

- E o que fazemos? - cortou ela ainda olhando um pouco para o nada, um pouco para os dois - Decidimos não transformar mais ninguém, isso não muda o fato de quem tem alheios por aí, e podem criar mais deles quando quiserem - sua atenção agora era inteira na situação - a gente precisa acabar com eles o quanto antes.

- É... é - Gilio concordou, não pensava que ia ser tão bem recebido, era melhor falador do que fazedor - a gente precisa acabar com eles - mesmo nunca tendo brigado na sua morte nova.

- Então vamos pra peleja - disse Epitácio com um sotaque espanhol que não parecia fingido. Julia nunca quis questionar ele sobre sua origem, sua antiga vida, existia alguma coisa que a impedia independente da curiosidade. Todos eles conversavam sobre quem eram antes de morrerem a não-morte, menos o chefe.

* * *

- Pediu pra me ver? - ela perguntou afirmando.

- Sim, sim - respondeu enquanto abria uma gaveta de sua elegante cômoda de madeira, móvel tão antiquado quanto harmonioso com aquele ambiente de post-punk preenchido pelo som de Skinny Puppy que vinha de fora do camarote - hoje mais cedo decidimos matar os alheios que tão aleatoriamente atormentando a vida na nossa pequena cidade. Um novo caso aconteceu. Ali no Estação, não muito longe daqui, fui avisado por alguns dos meus olhos que vagam por aí.

Colocou um pano amarelado com suas listras vermelhas na vista dela. Abriu e no meio de uma bandeira da Espanha estranha,

com uma águia negra abraçando o brasão tradicional. Por cima da pequena flâmula jazia cerimoniosa uma estaca de madeira, de madeira carcomida, cheia de farpas e com filetes de metal enferrujado incrustadas por ela toda.

- Use isto - e indicou com as mãos em sinal de oferecimento.

Resistiu a tentação de só aceitar, algo a fez ter coragem, menos medo, no mínimo.

- O que é isso? - foi o que saiu enquanto as palavras lutavam para não serem engolidas.

- Uma estaca, não vê - e um sorriso surgiu debaixo dos olhos sem rosto após um pequeno vislumbre de surpresa.

Ele estava se divertindo com ela, sabia que ela lutava contra a sugestão dele.

- O que tem ela? - sentiu suar, um filete de água salina escorrer por sua axila, como não sentia desde a morte. Isso a fez se sentir viva, e viva dentro de todas as inseguranças e fatalidades que envolvem a fragilidade terna da mortalidade.

- Já que chegou tão longe e parece tão inspirada hoje - pegou gentilmente a estaca nas palmas das mãos - vou te explicar algumas coisas - manuseava com atenção aquele pedaço de madeira pelo ar - isso aqui tem muitos séculos. Não parece velho à toa, é velho, que nem eu - e riu em malevolência - Data de muito tempo, sendo muito utilizado durante a Inquisição Espanhola - segurou com uma mão e aproximou dos olhos, com a outra mão apontou para uma marca dividia a estaca em duas partes, sendo a parte que ia até a ponta afiada mais escura - vê isso?

- Sim.

- A parte de fincar fica manchada assim por muito uso - colocou gravidade na voz - uma arma divina, para crimes infernais - a deixou as palavras caírem - dizem que é um pedaço da Cruz Sagrada. Mas existia um pedaço da cruz em cada igreja da Europa naquela época - encarou o objeto por um momento, como que absorvido por memórias - pegue, use - e estendeu para Julia.

Ela pegou, era úmido e delicado. Não quis perguntar se iria funcionar, se aquilo não ia se espatifar em mil pedaços quando ela segurasse com força.

- Só arranje um pano para enrolar sua arma. Te emprestaria minha flâmula, mas ela é sentimental demais pra mim - e começou a dobrar aquela bandeira da Espanha.

Julia se virou e começou a andar. Perto da porta parou.

- O que você quis dizer aquele dia?

- Me refresque a memória - Julia percebia na voz dele que ele estava distraído.

- Quando você jogou o anel do seu mindinho no meu colo. Disse que poderia envolver alguma crença. Eu sou ateia, não acredito em Deus.

- Deve ser algum medo remanescente, sei de que tipo - resposta segura.

- Como assim?

- Você deve ter medo de ir pro inferno.

- Bom, acho que antes de me transformar eu já iria. Não levava uma vida exatamente cristã.

- Pelo menos agora você tem a certeza.

- Acho que isso é melhor do que temer em vão. Já tive demais a benção da dúvida.

- A maldição da certeza te agrada mais?

Julia sentia uma segurança tão grande vinda das inquisições dele.

- Eu não sei, e é um bom pensamento pra me ocupar por um tempo.

* * *

Foi escovar os dentes e dois caninos longos e pontiagudos caíram na pia. Isso era comum, essa troca constante, sobretudo quando ainda era uma jovem sangue-frio. A única solução para isso era reposição de ferro, enquanto não chegava a possibilidade de se alimentar decidiu pelo método mais tradicional.

A boca salivava, e como salivava. Ainda não havia se habituado a isso, salivar tanto era um desafio, ao menos obrigava a garganta que não sugava ar a fazer algum movimento.

Esquentou uma panela cheia de pregos enferrujados. Quando estava borbulhante coou a água e tomou. Depois ficou chupando os pregos ao longo do dia. Era o que era, era o que dava. De brincadeira fincou um prego no lugar de cada canino faltante. Não sei se vão notar, pensou, mas vai ser engraçado. Realmente ficamos com um senso de humor peculiar quando não se tem mais vida. Num ambiente escuro e com os sentidos alterados, um jovem com camiseta do The Cure, lápis de olho grosso e cabelo arrepiado vai achar que é muito mais feito de algo que ele tomou do que a realidade em si.

Os efeitos supraestéticos do sensível também eram um tema de interesse entre alguns sangue-frios. Coincidiu com Renata e

Marco, dois outros recém sangue-frios, um pouco antes de Julia, estarem realizando mais alguns dos seus experimentos. Ambos eram professores de ensino fundamental, matemática e física, respectivamente, porém com peculiaridades na vida fora de sala de aula.

Usuários de ayahuasca, cogumelos e apreciadores de microdosagem de LSD. Testavam a mescla entre o orgânico/natural e o sintético como forma de aprimoramento dos efeitos e de novos sentidos e barreiras que possam ser atravessadas pelos sentidos metadieéticos da consciência subjetiva em um transe extracorpóreo. Buscam na transcendência do tempo e espaço o realocamento da consciência e inconsciência um alinhamento que de alguma maneira seria o vínculo Brahmico entre Vishnu, luz e vida, e Shiva, trevas e aniquilação.

A morte afetou esses planos, definitivamente. Porém abriu espaço para novos campos de sensorialidade e experimentação. Uma vez que a existência do sangue-frio representa inconformidade do Dasein, em seu sentido Heideggeriano, mescla tanto o cuidar de si e de cada momento em que se é, encontra-se apenas a Shiva pois a mortalidade já foi atravessada, mas mantendo o ser-no-mundo (ser sendo, ser participando da existência). A morte, porém, só não é consumada em sua conclusão, não encontra encerramento, pela presença insistente da vida, a figura de Vishnu não desaparece, apenas assume a composição de elemento de fora, através do sangue, o pulsar latejante vitalício. Somos um ser-para-morte.

Renata e Marco buscavam em suas recentes experiências a potencialização dessa sinergia fisiológico-cosmológica de

ressignificação da própria morte por meio da ressignificação da vida. E mais importante: sangue-frios não são afetados por álcool ou drogas comuns, não tem como chapar ou ficar doído, e eles sentiam falta disso.

- Essa é uma mistura de anfetamina com alterações que o tornam mesclável a partir do plasma. Assim, não interfere nos glóbulos vermelhos nem na absorção do ferro - explicou Renata.

- A intenção é que essa divisão tente de alguma maneira tornar digerível a anfetamina, porém sem comprometer os nutrientes e vitalidade que o sangue nos traz - complementou Marco.

Julia acenava a cabeça, evitando falar para não revelar demais dos pregos grudados em sua mandíbula superior. Não me envolve, mas quero acompanhar, maquinava. Eles vendem as coisas por aqui, Epitácio sabe e deixa, vamos ver se eles conseguem o que querem.

- Também tem adicionado um pouquinho de cogumelo porque parecia possível que seu efeito tardio conseguisse chegar rebocado pelo vão inicial deixado pela mistura - mais que animada, Renata estava esperançosa.

Eles querem tanto chapar, e eu também. Julia ia ver de longe para quem eles iam vender durante a noite e acompanhar.

Algumas horas depois observou com seus olhos de predador noturno um rapaz passar por Marco. Apertaram as mãos rapidamente e a troca foi feita. Estavam no canto lateral do balcão do bar, um espaço ainda mais escuro para os mortais

A visão de Julia, do deck da escada para o camarote, tinha um ponto alto privilegiado. O jovem percorreu toda extensão do

guarda-volumes, ultrapassou o caixa de pagamento, e virou uma parede adjacente com alguns pôsteres de filmes como Videodrome, Naked Lunch e o casal abraçado transado a beira de um acidente de carro na estrada de Crash. Ele virou a quina daquele antro cronenbergiano que indicava o banheiro unissex.

Calculou. Desço em um minuto, já sabia. Até atravessar a pista com calma eu chego de maneira despreocupada quando ele estiver saindo da cabine. Ela olha na direção de Marco, ele acena com a cabeça pra ela. Foi gentil deixarem ela testar.

Percorreu a tradicional cadeia de jovens darkzeras, boa parte rostos e aromas comuns. Alguns já mordidos, outros que poderiam dar bons carniçais um dia, outros que ela só quis pegar pelo prazer e diversão. Nenhum deles se lembraria dela, fazia parte da sugestionabilidade dos olhos do sangue-frio, e ela queria que fosse assim, não queria se tornar objeto de desejo de algum mortal esquisito.

Virou a parede do banheiro, no lado oposto um grande espelho ia de ponta a ponta com três pias e suas respectivas torneiras. Chegou um pouco cedo. A porta ainda estava fechada. Droga, odeia esperar, a imortalidade não havia dado paciência. Finalmente abriu, depois de alguns arranhões. Ele estava visivelmente afetado. Ela olhou para os lados e para trás, nenhum outro sinal de vida. Chegou perto dele, que cambaleava um pouco para a pia, fingindo lavar as mãos.

- E aí, tudo bem? - colocou a mão no ombro dele.

- Hey - ele virou meio assustado. Parecia estar concentrado em outras coisas e com olhos semicerrados.

- Tava te vendo na pista e achei você bem bonito - padrão para tentar beijar alguém. Ainda mais homem, que é mais fácil.

- Ah - ele ficou automaticamente mais sóbrio mas não menos afetado - obrigado, você também é muito bonita.

Chegou mais perto do ouvido dele.

- Queria saber se posso te beijar - soltou a tirada mais feijão com arroz de festas. E funcionaria, ela já sabia.

- Claro - ele foi se virando meio molenga, meio caído.

Julia foi empurrando-o pra trás, pra dentro da cabine do banheiro logo atrás deles. Decidiu já começar o trabalho perto da entrada. Cravou os dentes... mas não eram dentes, na sua sede havia esquecido que estava com os pregos. Sangue voou na sua boca e bateu no fundo da sua garganta em um jato. Escorreu pelas laterais e já pingava no chão. Ela engoliu um bom bocado e se jogou com sua vítima presa a sua mandíbula para dentro do banheiro.

No mesmo momento começou a se sentir estranha. Uma pontada atrás dos globos oculares, parecia expandir uma luz dentro do seu crânio. Não lembrava o porquê ter ido morder aquele rapaz, e agora mesmo com o desespero lembrou da droga. Talvez fosse aquilo.

Seu corpo balançou e com uma mão fechou ela e a presa lá dentro. Ele já não jorrava tanto sangue, seu corpo já estava pálido. Julia se sentou na privada, muito doída, e se segurou firme, nem se preocupou em tirar seus pregos-dentes da vítima, que permanecia com o pescoço colado em sua boca e com o corpo mole pendente como um boneco.

A gravidade fez o trabalho, ele caiu, sem vida, levando junto os dois pregos. Julia estava chapada e banguela. A porta bateu e escutou Marco e Renata discutindo, devem ter se deparado com uma cena digna de filme slasher lá fora. A porta abriu e era Renata. Julia caiu pra frente.

Um mundo de formas e representações. Em formas pontiagudas e angulosas e representações sombrias na divisão do claro e escuro. O maior mal pode estar em plena luz do dia. Na luz que brilha branca escaldante sob um lado da superfície de paredes grandes. Do outro lado, sombras projetadas como resistência à ditadura da luz. O advento do Iluminismo ao cérebro como fim do necessário obscurantismo do coração. Sua forma também era angulosa, olhos que cobriam seu rosto em uma realidade preto e branca.

Um som gorgolejante, um gutural profundo e distante, ritmado, é audível ao fundo. Fundo de onde? Além das paredes, janelas e portas em itálico e espirais de telhados diante dos seus grandes olhos. Do outro lado, de outra distância, surgiu o fino e constante soar de um violino. Agudo como uma agulha perfurando o ar até chegar aos ouvidos.

Naquele mundo de beleza expressionista apreciou os contrastes, ângulos retos declinados combinados com espirais na forma mais circular e cíclica. A luz mais branca na criação das sombras mais densas e duras, como em uma brincadeira de esconde-esconde, ou a criação de territórios, um não poder

contaminar o outro. Monocromático, o branco é o acúmulo de todas as cores do espectro, o preto a nulidade.

De repente, ficou noite. Julia sabia que era noite quando olhou para o céu e o Sol pendurado por um fio saiu de cena e entrou a ascensão de uma Lua de papelão que foi erguida. No plano de fundo do céu, as estrelas brilhavam como furos num véu celeste. A verdadeira luz do mundo está fora deste?

Notou que a música havia parado nesse meio tempo. Um cochichar baixo parecia vir do alto. Como se pequenas fagulhas de chiados fossem borbulhando pelo ar. O brilho estelar e luar dificultavam a identificação de qualquer elemento no céu, mas ela viu pequenas sombras passarem voando à frente dos recortes das estrelas e da Lua que se movia lentamente puxada pela corda apoiada numa roldana. Coadjuvante-alvo no teatro do universo.

Sentia isso. Era a noite ao redor dela. Não a noite como fenômeno distante, fruto de um alinhamento cósmico dotado de sentido pela sociedade, mas a noite como entidade, ou entidades. Noturna feita pelos que dependem da morte do dia e preencheram a noite com sua rotina, seus significados sombrios e profanos para os pensamentos humanos.

Todos vieram em sua direção de uma só vez. Quando percebeu estava envolta por uma nuvem de asas, gritos sonares e presas sanguívoras. Mordidas se espalham conforme ela arremessa seus braços para todos os lados. Não atinge nada, a massa de seres voadores se comunica por entre seus membros, coordenados como uma máquina. Líquido gelado escorre por seu pescoço e braços. Seus ombros choram em conjunto. Não estava de regatas pelo que

me lembro, foi a única noção de si passando por sua cabeça. Se agarrou a isso, não ao medo ou luta, mas a percepção de ser.

Com paciência, esticou a mão e pegou um deles. Suas asas pararam de se debater e ela pode olhar com calma. O focinho achatado, o corpo coberto de pelos, dois olhos escuros e praticamente inúteis, os caninos pra fora e o mais importante: cordas finas de nylon presas em suas asas. É falso, tudo é falso, tudo aqui não existe, concluiu. Não posso mais existir aqui, não tem nada, tenho que sair, já entendi a lógica desse lugar, não faz mais sentido estar aqui.

Ela acordou no sofá de veludo do camarote de Epitácio. Benício, Gilio, Renata e Marco estavam reunidos. Quando abriu os olhos Benício se voltou para ela e perguntou com calma e genuína preocupação.

- Você está bem? Como se sente? - enquanto se ajoelhava pra perto dela.

- Tô bem - respondeu sem pensar - o que aconteceu? - perguntou para si mesma e para os outros.

Gilio cortou com aspereza.

- Você apagou por dias e agora tá tudo fudido.

Confuso. Julia só podia dizer uma coisa numa situação dessas.

- Que? - perguntou

- A merda de vocês - Gilio apontou para ela e girou o dedo em riste para Renata e Marco - quase fudeu aquela noite. Sorte

que viram rápido, fecharam a área e deu pra tocar toda aquela multidão - cerrou o punho e os dentes - mas de alguma maneira alguns alheios ficaram sabendo disso. Alguém interno daqui vazou pra fora. Enfim, eles sabem que existimos, que somos o que somos, e nos últimos dias tentaram afugentar os nossos. Ficam rondando durante a noite. Estamos fechados aqui há três dias. Se ousássemos abrir seria uma carnificina.

- Alguém foi pego? - quis saber, já totalmente desperta.

- Provavelmente o chefe. Não é visto há dois dias e duas noites, desde o dia seguinte que você causou todo aquele alvoroço.

Benício interveio e se colocou entre Gilio de pé e Julia sentada no sofá.

- Não jogue toda culpa nela, deve ser só uma coincidência.

- Quanta coincidência! Ele deve ter fugido, percebeu que estamos na merda e que íamos ser caçados e decidiu recomeçar a vida bem longe daqui. Nem no país deve estar.

Um pensamento cruzou a mente dela.

- Ele deixou dinheiro? Tem algum cofre?

- Só aquele clássico debaixo da cômoda. Tenho a combinação. Conferi e tá tudo lá, uma pequena fortuna intocada.

Levou todos para que conferissem o que havia dito. Pilhas de notas, recibos e algumas joias soltas, pareciam de todos os séculos e locais possíveis, porém pequenas, em ornamentos, como pulseiras, anéis e colares.

- Estranho.

- Deve ter se cagado e fugiu.

- Você nunca falaria dele assim se ele estivesse por perto.

- Mas ele não está.

- Não mesmo, e infelizmente eu tô aqui, perto de vocês - Gilio virou e saiu do camarote batendo a porta. Todos ficaram em silêncio pensativo. Marco parecia ansioso.

- Não acho que seja uma boa hora pra contar, mas descobrimos que dependendo do quanto de absinto um mortal beba dá pra flambar o sangue. Depende de beber alguns shots num período aproximado de duas a três horas. Como se fosse um truque de mágica piropsicodélico hemolítico culinário.

- Fascinante - Julia soltou - o que faremos? - perguntou para Benício.

- Odeio conflitos, mas parece inevitável não nos envolvermos em um agora.

- Queria ser exorcizada, puta que pariu - Julia soltou - okay, vamos nos preparar então. A noite vai ser longa.

- Faço isso a pouco tempo pra saber de tanto, só sei que aqui nunca chegamos a tanto. Na pesquisa que fiz soube da presença de alguns de nós vindo da Itália, casos de polacos, uma curiosa foi uma família inteira de imigrantes japoneses. Todos sangue-frios, cultivavam ameixa e criavam galinhas, avicultura é comum entre os japoneses por aqui - explicou Benício. Ele e Julia aguardavam. Era a noite do começo do fim daquela situação de merda. Ela quis saber o que ele sabia sobre chupadores de sangue araucarienses - Sei que aqui tem bastante relato de lobisomem.

- Entendo que vocês estão há poucos meses. Alguns transformados daqui, outros de fora. O Epitácio com certeza veio

de algum lugar muito distante, e tá nessa há muito tempo. Só é uma pena não termos nenhuma memória.

- Memória é para os vivos. Não temos esse luxo - interrompeu Gilio, ele chegou lá de baixo e entrou no camarote onde os que ficaram decidiram esperar o crepúsculo - A gente tá aqui pra zanzar por aí, incomodar os outros, e dou razão para se sentirem incomodados. Por mim a gente mantinha os carniçais por aqui pra eles serem iscas.

- Não acho que a gente precise causar outro massacre dentro de um massacre - falou baixo Julia - Eu estou no meio disso há menos tempo que quase todos vocês e já me sinto cansada.

- A gente não tem muita razão depois de um tempo - apontou Renata - somos muito mais incentivados a buscar motivação e coisas pra fazer quando temos a perspectiva da iminência e inevitabilidade da morte. Seja a morte como pulção final das tensões, para usar um pouco de Freud, ou como o final de uma fase que irá encontrar sua continuidade em um plano superior ou metafísico.

Do sofá, ao lado de Julia, Benício parecia reflexivo. Ela movia a estaca que havia recebido de Epitácio.

- Bom, alguns de nós tentamos dar significado pra morte andante. Descobri o relato de um antigo morador daqui. Ele falava que um alheio tentou se plantar por essas bandas, virou garanhão e tentava curtir a vida noturna. Mulherengo, só que teve um surto de sede e atacou uma moça numa balada famosa que já fechou. Depois de atacá-la ele se trancou no banheiro enquanto homens providos de coragem líquida tentavam pegar ele. Quando conseguiram invadir o esconderijo sanitário - Benício olhou para

os lados - estava vazio. Apenas um chapéu branco foi encontrado no chão. Até hoje a gente que teve a juventude nos anos 80 conhecem esse episódio como “O Diabo da Flash”. Chegaram a inventar que o moçoilo usava chapéu para esconder seus chifres, mas ouvi que na verdade ele só era calvo.

Todos riram. Benício ficou feliz em causar alguma alegria. Pode ser que não dure muito, que seja nossa última vez juntos, projetou negativamente. A porta de baixo bateu em um ritmo forte e espaçado.

- Olá? Posso entrar? - surge de uma voz macia e assustada lá embaixo.

Todos ficam em silêncio.

- Sério isso? É o truque mais velho do manual. Puta merda! Inacreditável isso - Gilio explode. Ele desce até a entrada do Tutano em um salto - Quer saber? Pode entrar!

- Espera! - grita Julia da escadaria, mas já era tarde demais.

Um vulto atravessa as duas portas seguidas da entrada. Outras sombras acompanham ela. O grupo do camarote desce aos pulos e deslizos até a pista de dança. Luzes apagadas, o Sol ainda é uma lembrança, sua ausência é notada pela luz que ainda rebate de sua existência nos resquícios finais do dia, a vida se esvaindo aos poucos das horas.

O escuro não era sentido pelos olhos de caçadores, cuja mesma medida de alerta e vigia encontram predadores acostumados a se esconderem nas sombras. Um jogo de esconde-esconde de violência cega. Todos estavam em todos os cantos, o que indicava nenhum lugar onde pudessem estar.

Para logo abaixo do globo de espelhos, Julia não poderia sentir vibrações de respirações, mas sentiu quando uma forma se moveu por detrás dela e avançou com velocidade. Ela foi lenta demais. Unhas em forma de garra cravaram em sua barriga. A outra mão foi impedida antes de chegar em seu pescoço.

Benício segurava o braço do alheio com ambas as mãos. Se não tivesse parado ele teria conseguido arrancar a cabeça de Julia. Ela segurou a mão que penetrava sua barriga e a manteve presa a suas entranhas. Benício abriu a boca e foi direto no pescoço do alheio. Sua cabeça se transformou e esticou para lados estranhos enquanto sentia fúria.

O crânio comprimiu para se afinar enquanto seus olhos viraram duas esferas pretas e opacas. O nariz foi puxado para cima até adquirir a consistência de um focinho com duas grandes narinas abertas na frente. A boca alargou para esquerda e para a direita e duas orelhas foram esticadas para cima em um ângulo reto. Sua cabeça ficou coberta de pelos, seus caninos foram jogados para fora de sua mandíbula até atingirem dimensões grotescas.

A figura meio-morcego Benício tinha agora o corpo esguio e alto, suas roupas se rasgaram em certas partes e ficaram sobrando em outras. Finalizou a mordida e voltou sua cabeça com o máximo de força para trás. O alheio ficou com a cabeça pendurada pela metade restante do seu pescoço. Benício usou suas mãos, agora duas garras com três dedos finos e longos que desembocavam em afiadas garras, e espremeu o braço do seu inimigo até sua mão cair. Julia pode se afastar.

- O que é isso? - ela gritou para todos que viram aqueles poucos segundos de metamorfose no escuro.

A pele do pescoço do alheio voltava aos poucos a se remendar quando Benício usou uma de suas mãos-garra para arrancar por inteiro a cabeça daquela criatura, agora em sua morte final.

Outro vulto se atirou nas costas de Benício. O novo alheio não era estranho para Julia. Ela reconheceu ser um dos rapazes que ela viu no busão, nos milênios que a separavam entre a vida e a morte dos últimos meses. Benício e o alheio ficaram atracados, a força de Benício em sua forma animalisca críptica de um roedor alado fez ele conseguir pegar o outro e o arremessar até o outro lado da pista. Do canto, o alheio viu Julia e se jogou em sua direção, ela viu uma sombra em zigue-zague se aproximar de três pontos diferentes, ela tinha que adivinhar qual era o verdadeiro.

Escolheu um. E acertou. A estaca que carregava consigo estava projetada no exato ponto do coração do alheio à sua frente. Ambos estavam caídos no chão por conta do impacto de quando ele se atirou em cima dela. Seus olhos eram de puro desespero enquanto sangue escorria por sua boca e olhos. Ele pareceu querer falar algo por cima dela, moveu as bocas como um velho mastigando a própria língua, e cuspiu seus dois caninos no chão. Seu corpo foi atirado para o lado por Benício.

Ele parecia mais humano agora, seus traços humanos e sua disposição corporal lembravam sua forma padrão. Julia e Benício se olharam na escuridão e escutaram um som de contração. O corpo do alheio morto estava enrugando, sua pele se dobrava como papel queimando e estalava. Foi diminuindo e comprimindo

até ficar uma lembrança, uma múmia arroxeadada e coberta de necroses vestindo uma jaqueta de couro.

Uma alheia gritou de trás do balcão.

- Eu vou arrancar toda sua pele. Sabe quando você puxa a tampa do danoninho e lambe parte o iogurte? Vou fazer isso, facilitar o caminho pro seu sangue e ainda vou lambe sua pele pelo avesso - esbravejava olhando para Julia.

Gilio, Renata e Marco olhavam para ela e se aproximavam. Um vento gelado passou por todos. Uma presença densa e comum.

- Sei que ele era seu companheiro, mas vou ter que te pedir que releve isso - veio de uma voz nas sombras, divertida, aterrorizante e louca.

A alheia abaixou a guarda instantaneamente. Epitácio surgiu do nada e invadiu o espaço com sua existência, parecia brilhar dentro de uma nebulosa. Os olhos sem rosto encaravam Julia e Benício.

- Acho melhor você descobrir o que fazer com essa sua habilidade. É algo bem incomum. Pode indicar coisas muito boas ou muito ruins - disse a boca com olhos petrificados em Benício. Se voltaram para Julia - melhor você tomar conta dele.

- O que tá acontecendo aqui? Por onde você andou? - perguntou Julia.

- Não é óbvio? Esse maluco tava tentando matar a gente? Ele que comanda esses alheios? - gritou Gilio do outro lado da pista, em um tom de voz mais alto que o necessário.

Ela olhava confusa para Epitácio.

- O que? É verdade?

As mãos dele voaram cada um para um canto. Seus ombros foram pra cima e pra baixo.

- Por que você faria isso?

- Ah, querida, eu gosto tanto de você, mas não espero que entenda. A razão foi tão simples que pode desanimar. Foi por pura... diversão.

Marco gritou.

- Diversão? Você ia matar a gente?

- Em minha defesa, eu nunca achei que vocês todos iam morrer, sabia que esses alheios iam perecer.

A alheia atrás do balcão ouvia tudo.

- Ela mesmo me ouve e sabe disso, mas não consegue sair da minha sugestionabilidade. Vocês são mais difíceis de sugerir.

Julia sabia que ele exercia influência, porém nunca havia conseguido mensurar o quanto de sugestionabilidade era aplicada nela e nos outros. Percebeu que a mescla morcegos e humanos potencializa alguma técnica biológico-mística que ele aplicava com esmero, mesmerismo (magnetismo animal) em seu auge de sutileza e eficiência.

- Você só queria se divertir - ela disse baixo.

- Isso, e não espero que vocês entendam, por isso vou deixar as coisas um pouco mais fáceis.

Um peso pareceu cair do lóbulo frontal de todos eles, todos sentiram o cérebro se jogar um pouco para trás, como se livres de algo. Os olhos pareciam descansar, como se óculos de grau errado fossem removidos.

Julia olhou para Epitácio e o viu pela primeira vez. Tudo fazia sentido. Ele era uma figura craniosa, com nariz lembrando

um porco peludo só que em um ângulo agudo, suas orelhas pareciam estalagmites, sua pele cinza e antiga. E seus verdadeiros olhos eram dois globos sem pálpebras.

- Então... você é um nosferatu? - soltou Benício - isso explica tanto.

Todos sentiram uma mudança no ar e novamente sua figura se resumiu a dois olhos brilhantes e um sorriso senil.

- Isso foi divertido, mas agora preciso ir - todos presenciaram um breu totalmente, como se atingidos por uma cegueira repentina, e o sentimento de vazio que preencheu todos só se foi quando puderam voltar a enxergar.

Não havia mais nada lá, Julia olhou para um dos corpos no chão e havia apenas um buraco com sangue coagulado onde antes tinha uma estaca.

* * *

- Gosto das pessoas na mesma medida que as detesto, às vezes muito, às vezes pouco - disse Gilio.

Ele fumava um cigarro. Todos estavam sentados em cadeiras de praia no fumódromo vazio.

- Isso você e o Epitácio parecem ter em comum - brincou Julia. Ela pensava no que havia acontecido alguns dias antes. Lembrou do dia que ele mostrou a estaca e deu a arma pra ela. Percebeu como aquele velho sangue-frio gostou que ela soubesse que ele sentia uma superioridade em relação a todos, não ficou surpresa. É coisa de fascista, concluiu. E continuou:

- Uma coisa que tenho pensado ultimamente é de uma lembrança de infância e da nossa condição infernal. O que quero dizer é: andar em rios de fogo depois do apocalipse mas antes disso morder pescoços gostosos não me parece uma má ideia, lembro de uma música que ouvia no carro com meus pais. Colocávamos o pendrive no rádio e na fila sempre tinha “suga-suga”, do João Penca e seus Miquinhos Amestrados, um grupo de surf rock de humor. E tinha um trecho que cantava:

“Come alho e não mora em castelo
Vai à praia de bermuda e chinelo
Nem sei onde que fica essa tal da Transilvânia
Um dia largo tudo e vou morar na Disneylândia
Mas viro um bicho quando beijo teu pescoço
Suga, suga, suga, suga”

- Eu poderia ser um vampiro de berma e óculos-escuros na praia se pudesse - disse Benício usando óculos-escuros e olhando pra cima mesmo de noite.

- Você ainda pode usar óculos-escuros e ir pra praia de noite - comentou Renata.

- Mas não tem o mesmo efeito, você se lembra melhor do que eu. Minha memória de um banho de Sol é uma nostalgia quente, não tão viva quanto foi em outros tempos. Lembro de uma vez que fui pra praia com meus pais e fui besuntado em protetor solar por todo corpo, com exceção dos pés. Na viagem de volta tive que ir descalço porque os peitos dos meus pés estavam descascando.

- Ah, mas mesmo assim, agora que não temos mais um “chefe” você pode se permitir viver um pouco mais dentro dos limites da nossa condição inumana.

- Agora que você mencionou coisas que não podemos, eu queria saber qual é a do alho - Julia falou em verdadeira indignação confusa - isso é real?

- O alho libera propriedades que combatem diversas bactérias, fungos e vírus, inclusive algumas bactérias que compõem nosso sistema digestivo baseado em sangue. Como ele é potente nessas propriedades, ataca nosso corpo com tudo, nosso sistema instintivo é bastante afetado. Não mata, mas é o mais perto que você vai ficar de ter uma crise alérgica grave.

Julia olhou para baixo.

- Que idiota.

Marco se virou para Julia.

- Você falou sobre andar pelo inferno no fim do mundo, e isso me lembrou um debate que sempre tive vontade de fazer...

- Lá vem! - cortou Gilio brincando

- ... nós somos cristãos? - completou Marco.

Todos se entreolharam com diversão.

- Desenvolva - pediu Julia.

- Bom, não sei até que ponto temos uma mitologia formal sobre tudo isso que somos e não-vivemos. Mas já ouvi muito sobre o que somos ser uma maldição para os filhos de Cain, aquele da bíblia, ou até para Judas, após trair Cristo. A questão é: o que nos tornamos é basicamente historicamente vinculada a lógica que vamos pro inferno, e pra ir pro inferno você tem que

acreditar num céu, que é comandado por Yahweh, Jeová, enfim, Deus.

- Olha - Gílio começou de maneira surpreendente cautelosa - um ponto interessante é que os cristãos, crentes, etc., não se consideram satanistas só porque o Diabo faz parte da cosmologia teológica deles.

- Mas eles acreditam na existência de ambos, só que só seguem um lado para lutar, por assim dizer, contra o outro - Julia ainda emendou seu argumento - e um ponto curioso é que somos afetados por objetos religiosos conforme temos algum nível de crença neles. Então parece que automaticamente assumidos como inimigos daquele sistema de crenças, dogmas e valores independente de nos identificarmos ou seguirmos um sistema teológico contrário. Quando o Eritácio falou pra mim que eu possivelmente tinha medo do inferno acho que foi a isso que ele se referia. Minha vida foi baseada em cristianismo mesmo que pouco ou nada praticante, porém sempre estive lá. Quando orava antes de jantar com meus pais, no crucifixo gigante na cabeceira da minha cama. Como Nietzsche fala sobre a necessidade dos sacerdotes colocarem sua crença em todos os ritos e momentos da vida.

- Somos indeferivelmente satanistas? - perguntou Benício - é isso que você quer dizer? Independente se acreditamos ou se Deus e o Diabo existem nessa terra do Sol tropical?

- Particularmente acho uma besteira - Gílio parecia incomodado - a gente precisaria assumir o ponto que Deus é bom e o Diabo é mal, isso se ambos existirem. Historicamente, no velho testamento, Satanás é um opositor dos homens e da criação,

ele promove acusações contra a humanidade que Deus julga e avalia com base nas ações dos personagens. E a lógica de chifres e bodes é por causa da influência do grego “sátiro” na terminologia de seu nome. Ele poderia ser um adversário da humanidade, mas não necessariamente de Deus. No novo testamento que o Diabo começa a ser responsável por doenças físicas, deficiências, possessões, e só na Idade Média que se torna culpado por males da mente, como pecados, desejos e outras rugosidades consideradas como “vícios da carne”.

- Bom, os crentes usam mais o novo testamento basicamente, então faz sentido eles acharem que o Diabo é ruim, e nós parecemos aproveitar bastante os “vícios da carne”, até demais, então faz sentido essa associação - disse Julia.

- Espero que o Apocalipse demore, já que a gente não morre quero curtir bastante se depois disso aqui é só dor e sofrimento - brincou Renata.

- Mas onde que ficaria o inferno? - questionou Benício.

- Araucária - disse Gilio, todos deram risada.

- Essa foi boa, e ao mesmo tempo é um debate sério. Se o mundo é matéria ou produzido pela matéria e seu fim corresponde ao fim da matéria, o que sobra ou é antimatéria ou só metafísica. Então o inferno é antimatéria ou metafísico.

- É metafórico - cortou Gilio - vocês estão assumindo que tudo isso é real, em primeiro lugar. E não uma mitologia historicamente bem delineável e que tá longe de explicar a realidade.

Marco ergue a mão.

- Isso não é uma sala de aula, você pode falar - Julia ria do que via.

- De qualquer maneira, acho que vale a gente pensar no chamado “Argumento ontológico de Anselmo de Aosta”, que parte da premissa de que podemos conceber um ser do qual nada maior pode ser concebido, se o que é concebido existe no entendimento de quem o concebe, o que existe na realidade é ainda maior do que o similar concebido pelo concebidor. Se Deus é o ser maior que pode ser concebido, que ele existe na realidade de quem o concebe, e se na realidade ele é ainda maior do que no entendimento de quem o concebe, então Deus existe.

Gilio fez uma negação segurando um sorriso sério.

- Apesar do excesso de “conceber” e “concebimentos” eu entendi o que você quis dizer.

- Mas aí ele se refere a qualquer Deus - disse Benício - poderia ser Allah, o Deus muçulmano, o maior a existir na realidade. Ou quando eu li no ensino médio sobre um camponês que foi queimado pela inquisição por acreditar que o mundo era um queijo. Deus poderia ser o maior queijo do mundo.

- Mas aí surge outra dúvida: será que um sangue-frio muçulmano seria queimado por uma lua crescente? - Julia questionou - E, mais importante ainda, se Deus fosse um queijo, qual ele seria?

- Ótimas perguntas - disse Marco - mas só pra complementar meu ponto, existem as cinco vias para provar a existência de Deus, de Tomás de Áquino, que partem: um, do movimento, de que nada muda a si mesmo, depende-se de algo que mova e mude as coisas, Deus seria esse motor; dois, do agente causal, já uma coisa

sempre está causando outra, e que Deus é a primeira de todas as causas que começou as outras; três, do possível e do necessário, que todas coisas criadas e destruídas são possíveis, mas nem tudo no mundo é possível, algo tem que ser necessário, e isso seria Deus; quatro, graus das propriedades que encontramos nas coisas, de que algo tem que ter o máximo, da melhor maneira e mais perfeita, entre todas as propriedades e em comparação a todas as demais, e Deus é esse agregado de todas as propriedades em seu grau mais perfeito; e cinco, intenção das coisas inanimadas, que aponta que as coisas da natureza agem como se soubessem de suas intenções e quem colocou essas intenções seria uma consciência que é Deus - terminou Marco e tomou fôlego - e obviamente Deus seria o Unoprimordial de todos os queijos e assim todos os tipos e variações de queijos seriam derivados de sua essência queijística.

- Interessante toda a sua exposição - disse Gilio - mas também me lembrou do argumento de Epicuro sobre as inconsistências da existência de Deus nesse caráter cristão. Ele escreveu que:

“Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede?”

- Acho que alguém que se preocupou com isso de certa maneira foi São Agostino, uma vez que ele estabelece o problema do mal dentro de sua concepção metafísica, de quantidade de qualidades. Para ele, o mal é uma diminuição da propriedade do bem, sua perda, logo, o mal não tem natureza própria, pois seria sem essência - concluiu Marco.

- Você falando de essência me lembrou o Feuerbach, que em sua visão materialista coloca que o ser humano coloca sua essência, seu ser, fora de si, para depois o encontrá-lo. O humano cria os deuses buscando se representar neles e quando olha para esses de volta recebe apenas um estranhamento de si, se objetificou em algo que não o reconhece mais - Gilio movia um cigarro pra lá e pra cá enquanto falava - Só que também acho que estamos focando muito em Deus e esquecendo do Diabo, de quem aparentemente somos servos. Até o satanismo tem seus debates, LaVey, por exemplo, criou o satanismo ateísta que só vê no demônio uma crítica aos valores que ele associa ao cristianismo. Depois que tem a divisão com a linha Dionisíaca, que é um satanismo teísta.

- Você não acha o argumento do satanismo ateu meio bobo? Me parece ultraindividualista e até mesmo ingênuo no seu ego.

Julia e Benício se olharam. Ambos não aguentavam aquilo. Eles se levantaram.

- Quem diria que você ia se divertir tanto conversando com um recém sangue-frio? - Julia brincou para Gilio.

Da sua cadeira ele deu uma risada contida.

- Estão sendo dias surpreendentemente bons - ele respondeu.

Eles estão sentados na grama da praça ao lado da mansão. Não sei do que vai ser disso tudo, ela pensava, sem ter alguém os guiando. Os últimos dias foram apenas para se restabelecerem mentalmente dos últimos eventos, aquela mancha em todos que Epitácio causava com sua sugestionabilidade os exauria mais do que eles poderiam suportar. E todos vão, cedo ou tarde, tinha convicção disso, vamos nos separar e é assim mesmo que tem que ser. Cada um pro seu canto.

- Eu também não sei o que vai ser - disse ele, como se lendo os seus pensamentos.

- E a gente precisa saber o que é isso que aconteceu com você naquele dia - ela esfregou a mão no ombro dele.

- Você falar “a gente” já me dá pelo menos uma certeza - ele sorri pra ela. Olha para o outro lado e pega um dente-de-leão do gramado.

Se aproxima flutuando levemente pelo ar e pousa naquele pequeno espaço de paz e encosta a cabeça no ombro dele. Resolve perguntar algo que sempre teve curiosidade

- O que você sentiu quando me viu?

- Te achei linda

- É o mínimo - ela ri - Mas o que você reparou? Que detalhes você lembra?

- Lembro que você estava usando uma roupa confortável, moletom preto do Bauhaus e calça jeans. Você parecia confusa e perdida, e depois descobri que realmente estava.

- Olha como é observador. Mais algum detalhe? Não estou falando de elogios, mas de algo que você reparou, que guardou pra si, que possa ter surgido de um pensamento intrusivo e aí parou e pensou “por que eu pensei nisso?”. Isso aconteceu quando você me conheceu?

Ele joga a cabeça por cima da dela.

- Honestamente teve uma hora que já tínhamos conversado um pouco e me senti embriagado por ti. Você colocou a cabeça sustentada entre seus braços acotovelados na mesa e me encarou com um sorriso contido de felicidade genuína. Seus olhos voavam do seu rosto e naquela meia-luz pareciam que iam sair dos seus globos oculares e viriam me beijar. Seus olhos grandes e arredondados com pupilas grandes me lembraram os filmes da Aardman, olhos de um personagem de massinha numa animação stop-motion. Essa referência atravessou meus sentimentos e fiquei confuso comigo mesmo, você perguntou “o que houve?” Porque devo ter feito uma cara estranha afastando esses pensamentos. Só balancei o rosto sorrindo e disse “seus olhos são muito bonitos” - ele riu da sua própria história - E nós somos tão cinzentos, e tornei você tão cinzenta, da cor das nossas peles pálidas sem irrigação sanguínea ou pulso. Sempre tive medo dos meus sentidos, sentimentos e estado de existência se tornar cinzento assim. Mas aí você surgiu, e faz eu te amar tanto que quero esticar meus braços para demonstrar, ao mesmo tempo que quero fechar eles em volta de você e te abraçar bem forte. Tudo se torna esse amor maluco que sinto por você que ao mesmo tempo que quer expandir para todos os lados quer se comprimir e se encolher em torno de você

e te envolver inteira - olhou para sua mão, e num pensamento intrusivo comeu o dente-de-leão.

Começou a chover. Se levantaram e foram para a marquise do Tutano. Olhando a chuva, Benício pega na cintura dela e nesse momento Julia percebe que ele sempre prestava atenção nela, o tempo todo, mesmo com o rosto virado noutra direção.

Ficaram em silêncio, olhando a frente do Tutano, que em breve iria se tornar um osso vazio e seco.

- Amo você - foi tudo que ela disse.

Um se afastou do outro, se encararam. Se reaproximaram em um beijo rápido e verdadeiro.

19 de Fevereiro de 2024

05 de Março de 2024

CAVAS



CAVAS

No 9º ano do fundamental tivemos que fazer uma redação na aula de Língua Portuguesa. “Descreva, em uma página, um local que significava algo pra você”. E lá foram vinte e oito cérebros recém-adolescentes fritarem na sala ao lado do portão de entrada e saída dos estudantes. Fiz um texto medíocre sobre Araucária, detalhes da cidade em estatísticas etc., esse tipo de coisa sem graça, tecnicista e fria.

Roberto, um colega meu, foi para outro caminho. Antes de apontar acho curioso destacar que ele era o “27” na chamada enquanto eu era o “24” (sim, fizeram brincadeiras bestas com isso, era 2012). Isso aconteceu porque a turma ia, se não me engano, até a Yasmin, que era a “25”. Isso foi no começo do ano letivo, e conforme iam entrando alunos novos eles iam sendo adicionados ao final da chamada, adquirindo os números adiante dentro dessa lógica bem reformatória e desumanizadora de chamar jovens estudantes por números e códigos (Alô, Foucault!).

Voltando para Roberto e sua redação. Foi um ato inesperado, ele começou a ler em voz alta sua descrição que começava com “Quente. Quente. Quente. O lugar que estou é quente”, e a partir de um ponto invertia para “Frio. Frio. Frio. O lugar que estou é frio”. Ele tratou de suas alternâncias de humor, de perspectivas, sentimentos. Anos depois, só posso pensar: ele estava falando de Araucária, do quarto dele, da vida em si, tudo vai do quente ao frio no mesmo dia, ocasionalmente em questão de segundos.

Imagino todo restante da turma encarando ele com olhos confusos. A Professora Salete adorou, ela entendia de literatura, poesia, nuances da alma, e incentivava o espírito criativo e experimental nos seus queridos. Lembro que ela até brincou “você

começou a falar tanto que tava quente que pensei que o lugar que cê tava era o inferno”.

Mas aquilo lá já era um inferno. Novembro, quase dezembro, verão logo acima da nossa sala caia como ondas de calor distorcendo o horizonte distante. Deu a hora, fomos embora, última atividade do ano pra mim, quem deveria ir nas próximas semanas ou tava em recuperação ou não podia queimar mais faltas. Foi meu último dia de fundamental. Não tinha amigos, não era socialmente feliz lá, mas até que foi legal. Roberto tinha razão, o lugar que eu estou é quente e frio.

Alguns meses depois comecei o Ensino Médio, fui do Werka pro Szymanski, duas quadras de distância um do outro, escolas próximas que me proporcionaram vidas completamente distintas. O que foi bom. Pensei em quem eu veria na transição de um para o outro, quais rostos conhecidos veria. Chegando lá vi muitos, só não vi o de Roberto, ele morreu afogado no final das férias.

* * *

Mais um dia de fim de verão, final de fevereiro, prévia de março com a perspectiva do início do primeiro ano de ensino médio. Os dias de fim de férias que parecem já tediosos e repetitivos. A manhã começou com o orvalho e a neblina, acompanhadas do clima frio, como anunciadores de mais um dia quente. Além de férias era feriado geral. Jovens foram nadar. Roberto era um deles, ele era mais velho entre a mocidade local, repente de alguns anos quando o conheci. Devia ter ali pelos dezesseis.

Era um rapaz alto e no meio daquele festival de populares nas águas impróprias para banho das Cavas, aquelas ali pro lado do Campina da Barra, ao lado do Rio Iguaçu, ele foi mais um que morreu. Prendeu os pés em algo e só se deram conta depois de um tempo, acharam que ele tinha ido pra casa, deixaram o dia e o calor passarem. E no final da tarde um dos amigos que já tinha ido embora há umas horas voltou correndo. “Passei na casa dele e a mãe dele não viu ele o dia todo”. Desespero, dor, suor, choro. Começaram as buscas, mas são lagoas consideravelmente grandes. O final da tarde não ajuda, e a região não tem luz, não é para ser usada para banho, nem acessada, tecnicamente aquilo era invasão de propriedade.

Um deles viu uma sombra mais escura num ponto distante de uma das cavas. Era Roberto, seu cabelo de tamanho grande ia para cima como se puxado aos céus em um sentido antigравitacional. Ele se foi, morreram sonhos e uma mente criativa. De um dia quente ele ficou frio.

* * *

Óbvio que saíram notícias, e que todos da cidade ficaram sabendo. As páginas do facebook de jornais, de personalidades da região e até de memes falavam sobre, e como era perigoso ir nadar lá. Pais davam broncas adiantadas em seus filhos, nem imaginam que os maiores frequentadores são maiores de dezoito que vão nadar depois de beber bastante vodka com energético e depois ficam em rodas puxando narguile.

Nunca tinha ido nas cavas, no fundamental não tinha amigos ou qualquer tipo de companhia para fazer algo ilegal. Agora no ensino médio era diferente.

Estávamos na frente daquela que costumava ser uma farmácia local, do tipo que tem o dono vestido de maneira casual e conhecido por todo cenário. O cenário do passado era complementado pelos idosos costumeiros proseando amenidades e reclamações das dores pelo corpo. O grupo de idosos pelo qual eu passava todo dia e eles me viam crescer, e eu volta e meia não via mais algum deles, cujo restante prestava o luto fingindo normalidade. Tudo isso foi perdido pela fachada da Nissei que abriu no bairro Iguaçu, impassional e asséptica com a estética de seu corporativismo, corredores brancos de doer os olhos, local onde se entra e sai sem saber o nome de ninguém apesar dos crachás de identificação nos peitos dos funcionários jovens e mal remunerados.

Nossas bicicletas entram em ação. Vamos até o Condor ali próximo depois de J. ter comprado o tylenol pra sua mãe. As bikes fazem “zooomm”, ou será que é “zum”? Não, muito curto, era um som mais extenso, e tinha um estalar metálico das correntes roçadas sem a gente pedalar. De qualquer maneira, chegamos na beira do estacionamento do hypermercado.

“Se afogou fora de hora atrapalhando a folga”, soltou A., brincando com Chico Buarque. “E pelo que fiquei sabendo ainda estão querendo aumentar a segurança lá pelas cavas, cercar tudo, colocar guardas”.

“Mas ainda não fizeram nada”, disse J. - “e meses se passaram, só estão aproveitando que o caso afastou o pessoal de

lá. Quando o povo se sentir seguro de novo alguém vai se afogar aí vão ficar nesse vai-não-vai e lá vamos nós outra vez”.

Eram os primeiros meses das aulas do primeiro ano. Eu e meus novos amigos falávamos com frequência sobre isso. Vários de nós conhecemos Roberto, estudamos juntos, ainda que ninguém falasse comigo na época, e fomos para o novo colégio juntos. Hoje em específico montados de bicicletas, o usual era voltarmos das aulas a pé. Fiz isso durante o ensino médio inteiro, andava 4 quilômetros na volta. Pelo simples prazer de andar, para estar com meus amigos. Tava um calor do diabo naquele dia, era meio-dia, éramos do período matutino.

A. abriu a boca pra falar mais besteira. “Ouvi dizer que começaram a colocar um guardinha da Sanepar de vigia noturno naquela região. Só que ele ouviu sons estranhos e se cagou de medo”, olhou para nós como se contando um grande segredo. “E esse guardinha disse que o lugar tá assombrado”.

“Sabe?” questionou retoricamente J. - “uma vez, quando eu era criança, me falaram que se a refinaria da Petrobrás explodisse o Paraná inteiro ia ser destruído na explosão”. A. ficou em silêncio enraivecido.

Resolvi agregar ao debate. “Quando eu estudava no Werka falavam que a freira que fundou a escola tava enterrada no bosque dos fundos de lá”. Eu e J. rimos da cara de bocó do nosso amigo.

A. jogou os ombros pra cima. “Podem zoar o quanto quiser. Só tô falando o que ouvi. Vai saber, a gente não tava lá... mas poderíamos tirar a dúvida”.

“Não acredito em fantasmas mas não está nos meus planos provar se estou certo ou não da existência deles”, respondeu

J. - “sem falar que vou pra casa jogar uncharted. Falô”. E foi pedalando embora em direção ao Costeira.

“E você? Bora lá de noite?”.

“Nem fudendo” e sorri como se fosse óbvio eu não ir. A. sabia que era tão óbvio eu não ir quanto eu ir.

Olhamos o estacionamento na frente do mercado. Atrás de nós a barraca-trailer de caldo-de-cana fazia sombra para o seu dono enquanto ele espantava as abelhas com o boné.

* * *

No dia seguinte estava pescando no riacho atrás da casa do meu amigo V., pulávamos o muro dos fundos com a força dos braços e apoio das pernas para ficarmos com varinhas improvisadas fisingando lambaris. Era um dia quente e a mata úmida potencializava o efeito na gente.

“Deveríamos pescar no Passaúna”, comentei. Nunca tinha pescado lá, e com certeza tinha mais estrutura e opções de peixes do que naquele filete de água.

“Ou nas cavas”, foi sua resposta. Peguei uma cuia com erva-mate e bebericou seu chimarrão.

“Tem peixe lá?”, genuinamente não sabia, e foi só o que pensei. Me incomodava o fato desse lugar estar sendo tão presente nas minhas conversas com amigos ultimamente.

“Ouvi falar que sim”.

“E já sei, só tem um jeito de saber, né? J. falou contigo?”.

“Acho que pode ser uma experiência interessante. Sou tão cético quanto você. Não tem nada pra temer. E se acontecer

algo a gente vai testemunhar algo sobrenatural. Vai me dar mais motivação pra viver, saber que tem algo a mais por aí”. V. era mais místico e espiritualizado, isso sendo um cético, não se deixava cair por lorotas e besteiras conspiracionistas ou vídeos da internet. Respeitava isso, ele tinha uma metodologia de pensar essas coisas, e fazia sentido.

“Tá bom. Vê com eles quando querem ir”. O Sol era filtrado pelas folhas e galhos acima de nós. A terra estava ligeiramente lamacenta mas ainda firme. V. pegou vários lambaris e os devolveu. Eu fiquei na saudade, não pesquei nada.

* * *

Os bares comuns da realidade universal compartilhada brasileira na autóctonalidade araucariense, chamados de butecos com u, e seus velhos conhecidos idosos sentados ao redor de mesas ou apoiados no balcão engordurado foram soprados ao longe, nos firmamentos do passado surgiram distribuidoras de bebidas gradeadas. Na Sexta-Feira Santa passei por uma dessas e vi quatro idosos, um com gesso na perna, sentados no chão bebendo em frente às barras.

Próximo desse cenário fica o hypermercado Condor citado anteriormente, lá encontrei V., J. e A. e naquele fim de tarde perseguimos o Sol ao pedalarmos em direção oeste. As rodas e correntes deslizando em silêncio pelo anoitecer do feriado. Um dia religioso, certo pra gente cometer um delito. Até o A. estava quieto, tinha noção do que estávamos fazendo. Nossas cabeças

matutavam cada uma de uma maneira, todas com certo respeito e reverência. Ao que? A quem? Quando o ser humano encontra um mínimo contato ou ligação com a morte se presta a colocar-se como se estivesse numa cena de enterro de mafioso.

Lembro quando meu avô faleceu. Era jovem, tinha 58 anos. Não era de sangue só que namorou com minha vó desde que eu tinha uns 5 anos. Quando ele morreu repentinamente de falência múltipla dos órgãos eu já tinha 10. Morreu no 1º de abril. Segunda-feira fazem 3 anos, agora que me toquei disso. Naquela morte não tive presença porque me impediram de visitar ele no hospital por eu ser “muito novo” nos critérios do Hospital do Trabalhador. A morte é um contato breve e natural com o que existe de mais supernatural e/ou hiperreal. Com 4 anos vi meus peixes boiando de cabeça pra baixo no aquário do apartamento em que morava. Com 6 anos vi o primeiro cachorrinho da minha família morrer com poucas semanas de vida por uma doença passada de mãe pra filho na gestação. Mas meu vô não era um peixe ou um cachorro.

Epitácio virou só um epitáfio na grama do cemitério de São José dos Pinhais. E a morte dele só foi mais irritante por não ter tido a chance de me despedir. Um defunto é um defunto, e meu vô ainda não era um quando me impediram de vê-lo. Antigamente era comum velarmos nossos mortos na sala de casa por dias. Hoje a morte é jogada pra debaixo do tapete e os cristãos olham torto se você menciona algo sobre ela. Eles que não deveriam ter medo, criaram toda uma mitologia para tornar a morte aceitável. Toda uma lógica metafísica para justificar esse mundo ser uma merda

que sem pressa você chega no real-idealizado plano superior. O imaginado que inverte a realidade como projeção.

Dá pra enveredar isso dentro de um debate em Platão e o mundo das ideias. Se “ideia” no sentido platoniano é ver pela intuição intelectual e a morte também será computada pelos sentidos como inexatidão do real porém uma alteração que na lógica de quase uma essência metafísica, ou ideia, a morte conservará em si a coisa em si com base na percepção inexata a qual somos condicionados. A aparência do morto, cadáver, pálido é simultaneamente coisaprimeira e aparência contaminada. Também podemos lembrar da morte quando Nietzsche escreve em *Ecce Homo* sobre o conceito de “Deus” ser arquitetado como antítese do de “vida”, e o “além” como desprezo ao mundo verdadeira e desprover nossa realidade de razão ou finalidade - e caberia a nós imputar tais razões ou finalidades -.

Já eu sou ateu, nada me aguarda depois disso, o que me motiva a valorizar muito mais os ganhos e perdas da vida e de vidas, sinto falta do meu vô. Chegamos aonde uma vida tinha sido perdida. Realmente não colocaram a cerca ao redor das cavas. Nunca colocariam. Não avistamos nenhum vigia nas redondezas.

Noite. Por todo canto. A água refletia o luar e as estrelas. O céu balançado pelo vento lento das ondas compactadas de um corpo de água tão finito como a vida perdida. Olhamos ao redor, segurando nossas bicicletas e caminhando pela rua de terra que corta duas cavas. À nossa esquerda foi onde tudo aconteceu.

Parecia inquieta. Nos encara pelos milhões de olhos estelares que a iluminam. A da direita está silenciosa. Reparei que a da

direita não refletia estrelas. Era um poço de escuridão líquida em meio ao breu não tão breu iluminado pela Lua cheia.

“Olhem isso, que esquisito”, e mostrei para meus amigos. “Deve ser só o nosso ângulo”, justificou J. - “se a gente for praquela lado provavelmente vai rebater as estrelas assim como nessa cava”. Quando se virou com o gesto de indicação do braço todos o acompanhamos e vimos o mesmo.

A cava flutuava acima de nós como uma nuvem. Estrelas brilhavam, pulsavam e desapareciam há bilhões de anos-luz uns 2 metros acima da gente. A massa de água escura como um mar de carvão cravejado de diamantes. Nos olhava com seus brilhantes e encarava com olhares de todo o universo nos confins de galáxias que apenas astrofísicos nomeiam através de códigos extensos. Uma massa de água e matéria-prima das estrelas.

Notei que o céu estava completamente escuro e sem estrelas. Todas foram convertidas para dentro da cava esquerda. Em olhos. Olhos que iluminam o caminho, ou caminhos. Trilhos por todo cósmico. Uma delas cintilava mais que as demais. Parou seu sobrevoos logo acima de nós. O único som era os do vento formando ondas contra a água voadora. Ondas que começavam e não tinham onde parar, dando voltas em círculos até se chocarem com alguma vinda pela direção oposta. A estrela destaque saiu de dentro da cava por cima e podíamos vê-la ascendendo em direção ao infinito dialético de matéria e anti-matéria que compõe o real.

A cava que voa acima de nós soltou um rugido afogado, um som projetado por algo vivo sem órgãos para emitir aquele som. Foi uma tentativa de contato, comunicação, entre o que

existe além da atmosfera, talvez até mesmo da matéria, com a limitada humanidade. Fomos suas testemunhas e ouvintes, e não pudemos entender e muito menos responder.

* * *

Nenhum de nós se lembra como retornamos até nossas respectivas casas. Falamos sobre o ocorrido com certo desinteresse, como se não tivesse mais o que falar mesmo não sendo entendido.

Naquela noite teve uma tempestade. Um grupo de pessoas se protegeu debaixo de uma árvore, caiu um raio nela e todos os corpos caíram um após o outro como frutas maduras. Minha mãe disse que escutava algo respirar do lado de fora da nossa casa.

Voltamos pra lá só no último dia de aula. Não havia Roberto. Ele agora era só uma estrela no céu e não na terra, ou na água. As cavas são pequenos lagos abrigos de pequenos peixes, a água é escura no fim de tarde, reflete a sombra dos arbustos baixos. Sem ondas, não fazia vento, tudo calmo. Talvez seja disso que eu tenha medo, do nada.

06 de Março de 2024

31 de Março de 2024

COLONOS DE TEMPOS E ESPAÇOS

COLONOS DE TEMPOS E ESPAÇOS



Me localizo naquele período de tempo, uma brecha pequena frente a tudo aquilo que é e que já foi, o tempo que para você pode ser futuro ou passado, mas pelo qual prefiro chamar de agora. Tenho um dispositivo, sim, claro que tenho. Isso é uma ficção científica, logo, além de me inserir em uma temporalidade alternativa do passado/presente ou uma predição do futuro. Esse dispositivo, ao contrário dos gadgets comuns ao sci-fi, não serve apenas para apontar diretamente a alguma crise identitária ou de personalidade da nossa sociedade do capitalismo tardio.

Meu dispositivo serve para tudo, ele dita e me auxilia. Esse artefato cujo formato não posso revelar se propõe a me ajudar a dividir o Ser do não-Ser em minha existência. Ele me acompanha em todos os momentos, o tempo todo, em todo lugar.

No começo, como toda boa inovação tecnológica, céticos e cínicos criticaram o lançamento desse dispositivo como sendo mais uma besteira sem utilidade, fútil e um desperdício de dinheiro de mentes inferiores que não sabiam aproveitar a vida. Esse grupo de reclamões, antigamente conhecidos como filósofos, foram os primeiros a encher o saco de todos falando da ineficiência do dispositivo.

Eles argumentavam que o filosofar era o caminho correto a se seguir, que os questionamentos, dúvidas, incertezas e debates que davam gosto a vida. Seus pontos foram ouvidos por parte da sociedade, o dispositivo foi comercializado entre nichos específicos, sobretudo para jovens de classe-média alta, já que o dispositivo era um lançamento e toda inovação tecnológica cobra seu preço no início.

Acreditávamos, pois me incluo nesse contexto antes de ter minhas opiniões massivamente mudadas, que esse dispositivo seria só mais uma moda passageira, um hype momentâneo e então esqueceríamos de sua existência e lembraríamos em conversas nostálgicas sobre fracassos comerciais do passado.

Mas não foi isso que aconteceu. O poder da publicidade, da persuasão, materialmente explicado como “algumas centenas de milhões de moeda universal em investimento”, cuidaram da popularização. Logo nenhum de nós tinha o dispositivo, mas o víamos em todos os cantos, em anúncios que não podíamos pular, em outdoors, plotado em ônibus. Sorrisos brancos, cenários claros, rostos familiares e celebridades gigantes foram a conexão humano-humano que fazia a nossa dicotomia com a máquina desaparecer. E a estrutura de luzes, imagens, sons e estereótipos que nos cercava e fazia nossas cabeças girarem nos levou até a loja mais próxima. O dispositivo saía do virtual e virava realidade numa caixa de papelão barato na mesa de casa.

Gosto de pensar na forma do dispositivo, e nas suas alterações e atualizações desde que foi lançado, o bastante para modernizá-lo e conquistar novos públicos, mas não o suficiente para descaracterizá-lo, o branding é algo maravilhosamente horrível.

A popularidade cresceu conforme sua normalidade foi imposta, e não era de interesse das grandes companhias que os lobbies feitos para legalizar o dispositivo tivessem sido em vão. O dinheiro não move o mundo, mas dá uma força pra quem tem pra gastar.

Não pensem que, por ser uma ficção científica, todo mundo ficou hipnotizado, controlados e manipulados o tempo todo, os celulares já fazem a gente olhar pra baixo o bastante. O clichê divertido, a graça da ficção científica, é a imanência, a sua capacidade de ser sobre nós quando avaliamos por outra roupagem. Tudo que nos envolve, como essa máquina com a qual estou escrevendo esse relato, já foi ficção científica, e são resultados de um processo de normalização, popularização e suposta “acessibilidade”. A mentira do desenvolvimento científico e tecnológico atrelado às nossas vontades e desejos é apenas uma ocultação dos empecilhos que forças armadas e acordos entre governos e grandes companhias para frear e encarecer pesquisas e formas de baratear os processos de produção e de redução do impacto ambiental. O “avanço” da ciência e tecnologia é o mito positivista, e a linha crescente falsa constrói a colina que oculta as desigualdades, miséria e banalidade da subsistência.

Não tomo essas notas críticas morando em uma casa aos pedaços, comendo o mínimo para me manter de pé e com uma dor de cabeça leve, fraco e anêmico. Escrevo isso em uma casa de subúrbio de dois quartos, um emprego que não gosto mas me é estável, alimentação decente e contas que se fecham mês após mês. Talvez esse também seja o fruto do meu ódio e da minha raiva, essa merda de mundo torna tudo que é ruim normal.

* * *

Naquele dia acordei com os olhos colados de remela e sem saber que horas e até mesmo ano eram. Sentia falta do meu antigo corpo, com menos fluídos e exigências. Quando tomei conta de

quem era e da minha vida não gostei. Foi café solúvel pra dentro e a luz cada vez mais forte frente a minha cabeça ruidosa e texturizada a cada xícara. Cafeína deixa ansioso.

Meu colega de trabalho e de casa apareceu do seu quarto pouco depois. Saímos juntos, cada um por seu caminho, em direções opostas para fazermos nossas atividades. Nos encontramos no final do dia e conversamos sobre o que cada um pensou ao longo do caminho.

Todo dia um menino, filho da vizinha, acompanha a gente indo trabalhar. Seus olhos vão indo de um para o outro e me pergunto o que ele pensa.

* * *

“Será que são traficantes?”. Resolvi seguir eles, ou melhor, um deles. O que tem cabelo comprido e parece uma mulher. Os dois saem com roupas normais sempre. Mas é estranho, eles vão na mesma hora, juntos, para lados diferentes.

Tão nessa faz meses. Olho todo dia. Antes da minha mãe gritar pra mim que tá na hora de ir pra aula.

Eles saíram de casa. O homem-mulher foi pro lado esquerdo, descendo a quadra. Não posso deixá-lo sair do meu campo de visão porque senão ele some. Os dois sempre desaparecem do nada. Vão com o ar, viram ar. Parece magia ou teletransporte.

Agora tá passando pelas outras casas. Passou pelo ponto de ônibus próximo da esquina. Acelero o passo para que ele não vire a rua fora da minha vista. Ele tá seguindo por lá. Segue na minha frente, não me viu pelo visto. Estamos dando a volta na quadra?

O amigo dele acabou de passar por nós, seguiu andando e passou por nós sem nem olhar pro lado.

Mais duas esquinas viradas pelas mesmas casas de sempre. Voltamos pra Rua Amor-Perfeito, no centro dela. O homem-mulher chegou na frente da casa na mesma hora que o amigo dele. Ambos abriram o portão e entraram na casa sem conversar.

Fui para o lugar de sempre, a calçada que fornece a melhor visão possível da casa deles e daquela rua. O que eles foram fazer? Eles fazem isso todo dia? Por que só dar uma volta na quadra separados e depois voltarem? Nada disso faz sentido. Será que fui visto? Não sei o que fazer, preciso descobrir mais.

“Vini! Hora de ir pra escola!”.

Vai ficar pra depois.

* * *

“O moleque foi embora”. Disse o N., olhando a tela da câmera no seu dispositivo. “Por que as versões pequenas deles precisam ser tão irritantes?”.

Dentre todos esses meses as crianças ainda eram um fenômeno curioso para mim. De maneira dialética, elas são o conceito de humano contendo em si todas as qualidades de um humano porém em um estágio mais inicial de formação. São curiosas, exploradoras, atravessadas por vontade, impulsivas e intrusivas. Nunca fui criança, mas parece ser divertido mesmo em frente a toda impotência perante o mundo.

“O que será que acontece com eles quando crescem?”, larguei essa frase num sopro como se fosse uma das crianças. Tinha algum

tipo de afeto por N. mas preferia deixar minhas reflexões dentro do meu dispositivo e da minha pasta mental.

N. me olhou com curiosidade por essa atitude, seus olhos retomaram a seriedade e largou um pouco os sentimentos enervados. “Parece algo semelhante ao que acontecia conosco antes da revolução. Você sabe que surgíamos, permanecemos por um tempo e depois íamos. Nunca chegamos a entender os motivos dessas etapas e muito menos a lógica por trás do início e do fim de tudo”. O que N. me contava era o básico que todos entre nós sabíamos, mas agora ganhava um sentido novo com o contato constante com os humanos.

“Dá pra ver que a existência aqui é tão sem sentido, motivação e estímulo quanto no nosso. Porém, eles parecem mais fortes, aguentam mais, conseguem arranjar motivos, reais ou não, para seguirem em frente”. N. olhava mais pra baixo do que pra mim, esfregava os dedos da mão no seu dispositivo de cima a baixo. N. tomou uma pausa e me olhou. “Sei que a gente não conversa muito, só que eu quero te contar o que ando refletindo e minhas conclusões até o momento”. Assenti encarando N.

Quando viemos pra cá já havíamos passado muitos ciclos conhecendo, estudando, entendendo e explorando os humanos. Não era um campo de conhecimento necessariamente utilitário para nós, mas dentre o que os humanos viveram de décadas desde que os descobrimos posso atestar que nos deixou perplexos. Não sobre o que podemos usar necessariamente, e sim sobre o que podemos aprender sobre nós olhando para eles. É algo próximo de arqueologia só que ao vivo, simultâneo, para um dia sabermos o que se foi do nosso objeto de estudo.

Somos destacados em duplas ou trios por área, geralmente respeitando a demarcação de “município” ou “distrito”, a depender do local, densidade populacional e complexidades contextuais eventualmente apresentadas. Nessa etapa de investigação eu e meus outros colegas estudiosos dessa humanologia ainda estamos nos adequando em cidades menores. As grandes capitais, metrópoles, cosmópolis e megalópoles ficarão para o futuro. Meu companheiro de pesquisa e projeto nitidamente está começando a se afetar nisso tudo.

N. ordenou seus pensamentos em silêncio até se sentir confortável. “Se parece muito com o nosso mundo em tempos passados. Digo isso porque esse mundo é sobre quem faz alguma coisa. Sai de manhã pra trabalhar, pega ônibus, engravida e precisa fazer um aborto ilegal. E o que qualquer humano pensar sobre isso enquanto pessoa que não faz nada é irrelevante. Na perspectiva humana, você ser irrelevante tudo bem, só não seja um bosta que não faz nada sobre o que te incomoda e julga quem faz o que acha necessário pra não ficar ainda pior numa vida complexa que não te prepara pra se relacionar com pessoas e nem te impede de passar fome. A lógica desse mundo não é explorar, é ser explorado, e a exceção comanda tudo. É um mundo cheio de prazeres, anestésiantes em diversos sentidos, e dores e culpas tão petrificantes quanto. Eles vivem sob a constante lógica de ir adiante enquanto tudo que a exceção ensina é que eles devem ficar parados aqui”, N. apontou para a própria cabeça, onde sabemos que fica o centro de pensamentos deles. “É incrível. Eles só continuam, sem nada, sem absolutamente nada, e a forma como eles aturam é se apegando uns aos outros, e isso é

sincero, dentre boa parte das mentiras. Por mais que o que eles considerem família seja falso e danoso, as relações e sentimentos são genuínos”. Parou e colocou o dispositivo na mesa, juntou as mãos e em seguida abriu-as colocando as pontas dos dedos de uma mão contra a outra.

O silêncio sustentou aquele momento por alguns segundos. “Você tem bastante conteúdo já. Só que vai precisar sustentar seus argumentos no relatório final”, estava preocupado com uma quantidade tão acachapante de certeza.

“É o menor dos problemas. Eles sabem disso tudo que disse, pelo menos alguns deles. E boa parte deles escreveram ou fizeram algum registro sobre. A humanidade é bem entendida de si, só ainda não conseguiu se organizar o bastante para inverter a pirâmide do status quo na qual suas sociedades se baseiam”.

Seus pensamentos externalizados eram agulhas irritantes e curiosas, como uma injeção quando você tem vontade de olhar a aplicação e ao mesmo tempo fugir cerceado de imobilidade. Seus olhos vagaram confusos até encontrarem os meus, só que olhando para além de mim, como se visse o topo de minha nuca.

“Vivem em busca de uma tal de liberdade que consiste em se sentir insatisfeito com todo momento que é a com cada momento que são. É o que os move, o que os dá vontade é o que podem ser, podem ter, podem viver, as possibilidades do que os transcende do agora é e do que se são. Liberdade para se não se ser e para desejar só para caso o sonho ser realizado possam se insatisfazer como se o contentamento se tornasse o despertar de um sonho muito bom”. Meneou a cabeça e sorriu. “Compram carne e verdura por quilo, proteínas, fibras, vitaminas e nutrientes, em sua

maioria, são por quilo. Pensam que podem pedir por aí pra algum atendente sua liberdade e segurança. Como se falassem “me vê aí o preço por quilo da tranquilidade”. As coisas não são assim. Estão sempre tensos e tesos, com tesão e tensão, e toda fruição é momentânea”.

Sinto o que N. sente, são estranhos e aborrecedores nestes aspectos. Eles possuem sua lógica, nunca a entenderemos e tentar seria um exercício de alteridade inútil. Quando vemos como eles impõem divisões que os atravessam ainda mais em suas vivências e sociabilidades, criam noções de gênero e raça, apenas para imposição.

Nossa espécie não tem gênero, nos relacionamos de outras maneiras, nos determinamos por subjetividades não impostas para cercear. Emancipação dos corpos e mentes em coletividade que respeita as especificidades. Queria falar tanto com N. sobre o que via e sentia e estava entalado na garganta e não tinha coragem de transmitir pro dispositivo.

“Preciso ir, perdi muito do meu dia já”, e sai.

* * *

Passeio pelo Parque Cachoeira. Atravesso a ponte que separa a falsa cachoeira (que não é a cachoeira que dá nome ao local) e subo as escadarias em meio ao bosque. Os degraus longos e irregulares fazem a caminhada descompassada ser acompanhada por acenos ao ar para remover plantas e teias de aranha. Choveu ontem e várias folhas acolchoam e mascaram o chão de terra. Formam uma massa orgânica de nutrientes que será absorvida e

reutilizada pela natureza em seu ciclo de reconstrução. A celulose reflete em seu marrom a transição de verão para outono.

A vila polaca. Um monumento conotativo de uma cultura de imigrantes. Como boa parte das memórias se mostra falsa. As casas de troncos encaixadas, bem como toda aquela colina cuidadosamente elaborada para recriar uma pequena comunidade, são artífices.

As casas e demais construções pertenciam à Colônia Thomaz Coelho, e vieram pra cá depois de uma enchente na região. Não é um mistério, só uma curiosidade. Dois jovens bebem vodka de maracujá num dos bancos a frente da grande cruz de metal que delimita o centro daquela região.

Dou dois toques na lateral do meu dispositivo, os rapazes ficam petrificados. Ouço um baque seco e percebo que um pássaro em pleno voo também foi afetado. Sinto muito por ele, vidas são vidas, uma pontada de... tristeza perpassa meus olhos.

Estudo os humanos só que não esperava aprender tanto com eles. Quero chorar, como eles. Vindo pra cá mais cedo na minha caminhada passei pela Unidade Básica de Saúde do Costeira, uma mãe segurava seu bebê do lado de fora, aguardando atendimento. A criança chorava, gritava, jogava para fora toda indignação que a aguardará pelo restante da vida. Provavelmente era febre, pelo tanto de cobertas que a embrulhavam nesse dia ensolarado de começo de verão.

Sentir isso, que tudo saiu de mim. Talvez essa seja a vantagem humana, a gama de expressões de insatisfação que eles criaram. Um leque vasto e em constante expansão. Só me sinto cansado,

doente de miséria, miséria de algo que me falta, e não sei o que me falta. Devo ser mais humano do que imagino, afinal.

Devo me deitar. Raiva. Só isso. Ódio por estar ali. Os dois adolescentes olham estupidamente para o nada. Não tem mais ninguém próximo. As casinhas de troncos, todas brancas com janelas e portas coloridas, parecem vazias. Sinto... saudades? Saudades como uma dialética da presença de uma ausência. Capturar um momento, um fragmento de existência, só para que o que era me escape e eu tenha uma representação do que foi.

Preciso me deitar. Detesto estar aqui como um estranho. Conhecer o que não me pertence. Me dirijo a que tem a porta e janelas pintadas de azul. Porta aberta, lá dentro algumas mesas e carteiras, deve funcionar como sala de arte para crianças. Um cavalete descansa em uma das quinas da casa. No lado oposto mais uma recriação. Cama, mesa de canto e uma prateleira, todos de madeira, preservados. Uma mini demonstração de como era viver naquele ambiente. Sem luxos ou esnobismo, apenas um lar. Tomo o movimento.

Em meu início de iniciativa o dispositivo apita. Minha cabeça lateja. Sou injetado por estresse. Raiva. Agressividade. Sinto o dispositivo vibrar na minha mão até a hora que não o sinto mais. Arremesso pela porta aberta e escuto bater na calçada de pedra. Silêncio. Não deve ter quebrado, é impossível quebrar o dispositivo. Talvez ele só tenha desistido de mim, como eu desisti aparentemente.

Preciso deitar naquela cama. O chão velho de madeira já muito dilatado e contraído pelos anos range e meus passos pesam. Abaixo do chão deve ficar um vão até a base de sustentação,

um som de vazio se espalha na garganta da casa. Chego e me aconchego. O colchão é ruim, óbvio, meramente decorativo.

Fecho os olhos. Meus olhos estão secos. Minha cabeça lateja. Escuto uma risada. Devem ser os rapazes que paralisei, o timing do dispositivo já passou. O travesseiro tem cheiro de velho, parado, empoeirado, mas é tão confortável.

* * *

Acordo invadido por uma súbita vontade de viver. Não sei por que fui dormir tão indignado e infeliz. Hoje era um novo dia. Ou... noite?

Por quanto tempo fiquei apagado? O clássico cochilo que queremos deitar por cinco minutos e acordamos sem saber onde e quando estamos. Que horas devem ser? Preciso voltar pra casa, N. deve estar preocupado.

Levanto da cama enquanto ela profere gemidos de madeira. Me sento. Hora de começar o dia, preciso... tomar café? Depois pegar as sementes de batata. Ir lá fora, abrir as valas na terra e plantar as semanas. É isso que vou fazer.

“hm...? hmmm”, murmura alguém. Tomo um susto e num sobressalto viro a cabeça. Ela estava dormindo comigo. “Já tá na hora? Vou me aproximar aqui e catar o pão”, ela começa a se revirar.

O dispositivo? Preciso encontrá-lo. Me levanto, com calma. Curiosamente não sinto medo. “Não vai me beijá?”, me viro e ela me encara. Me aproximo e dou um selinho nela, acho natural, como algo que fiz por incontáveis dias seguidos. Recuo

rapidamente, tomado por um repentino receio de ter feito algo errado, impróprio. Olho nos seus olhos, esse quarteto já adaptado à escuridão. Ela começa a se remexer na cama para levantar. “Cada dia mais troncho. Duro. Seco. Só quer saber da sua japinha”, resmunga olhando para os lados enfiada na sua camisola longa e gasta, manchada pelo uso.

O que eu deveria fazer? O café! O dispositivo! “Tá esperando o que? Tá dormindo de pé?”, ouço mas não absorvo suas palavras porque devo ir lá pra fora pegar meu dispositivo. Tudo vai fazer sentido. Ando em direção a porta da casa e as palavras “tá ficando gágá” voam atrás de mim como tiros numa guerra distante.

Chego na porta, tiro a grossa tábua que a tranca por dentro e quando estendo a mão alguém bate do outro lado.

TOC TOC TOC.

Tomo um susto. Olho para Eva, que também está curiosa. “Vieram te puxar pra lavoura mais cedo? Eles que se arredem daqui. Você precisa comer algo, saco vazio num para em pé”. Minha esposa tinha razão, só que preciso ir trabalhar. Tô de pijama. Não a respondo e ela sabe o que vou fazer. Eva ainda me ama, porque eu não sei, não a amo mais, mas sinto compaixão, o pior dos sentimentos.

Me visto rapidamente para o trabalho no campo. Coloco a roupa suja com crostas de terra, o chapéu que será necessário assim que o dia amanhecer. Sinto meu estômago tremer e vou embora. Eva acendeu uma lamparina e agora se preparava para acender o fogão.

Abro a porta e uma mulher japonesa me encara. Ela está olhando para baixo. Pálida. Não deu tempo de impedir Eva

de ver tudo aquilo. “O que é isso agora?”, ela grita. “Agora ela vem até aqui te buscar? Jumenta! vou te esculachar e te arredar daqui!”. Eva veio segurando uma panela velha e me coloquei entre ambas. Segurei o braço erguido de Eva com uma mão e me segurei na guarnição da porta com a outra. Encaro ela e seus olhos vermelhos e seu não menos vermelho rosto polaco. Ela produziu um ganido mudo.

Se jogou pra trás e fugiu das minhas mãos. “VAI EMBORAAAA!”, não sabia se ela gritava pra mim ou para Naomi. Entendi que era para os dois, ou não entendi nada, mas também queria sair dali.

Fechei a porta olhando para Eva até o último segundo. A janela da casa cuspiam luz tremeluzente para o gramado. Olhei ao redor, tudo continuava como sempre naquela hora. Uma floresta densa de pinheiros começava a mais ou menos cem metros de casa. Ouvia o som das galinhas, agitadas por toda aquela confusão. O galinheiro e a pocilga ficam do outro lado da casa, alguns roncões no silêncio confirmaram que os porcos estavam vivos e não menos agitados. O caminho aberto pela trilha entre a grama alta seguia até a escuridão tomar conta diante daquelas araucárias. A terra debaixo dos meus pés estava úmida e o brilho no gramado refletia o orvalho da manhã já em formação. O Sol deve nascer em mais ou menos uma hora.

Naomi ocupa minha visão agora. Ela é ponto de diferença naquele cenário tão comum. Era estranho vê-la aqui. Só a vi aqui duas vezes, quando ela e seu marido, Hiroshi, vieram se apresentar como vizinhos. E na primeira vez que nos amamos.

Eva sabia de tudo, fingia não saber e ao mesmo tempo deixava claro que sabia. Boa forma de acertar as coisas, afinal, ela não podia fazer nada, para onde iria? Ela não tem ninguém nesse país, só a mim. Só que agora sinto que o limite foi ultrapassado, Eva me perdoaria? Hiroshi sabia? Provavelmente não, os japoneses são muito unidos, um povo fechado com os seus, teriam feito algo sobre. Teriam vindo me cobrar.

Ela continua parada, pálida, segura seu roupão com as mãos. Parecia uma assombração, apertada as roupas tão forte que os dedos formam nódulos de tensão. Fazia frio. É iluminado pela lua, pelas velas de dentro da minha casa e por algo mais, deve ser reflexo do poste elétrico que eles colocaram perto da casa deles.

“Nômi?”, falo errado por causa da minha garganta seca. Pigarreio. “Que que foi?”.

“Botata”, sussurra. Não faço ideia e sinto incompreensão e raiva por estar ignorante. Raiva no desconhecimento não é algo útil para um estudioso. Mas não sou estudioso, sou um colono, planto e colho na terra. Parece que entrei num corpo que não é meu. Moldado por outra personalidade. Por dentro me sentia ríspido, chucro. Sinto como carne dura que precisaria de anos cozinhando na água fervente para me soltar do osso e ser mastigável.

“Que?”, e encaro seus olhos refletidos de marejados. Seu rosto pálido fica ligeiramente laranja. Ela aponta.

“Fogo”.

* * *

A casa deles e as árvores ao redor ardiem em lambidas. Estava tudo apagado até agora pouco. Como começou a pegar

fogo tão rápido? Por que ela já estava na minha casa? Minha única resposta até o momento era correr em direção a casa dos A.

Quando me aproximo sou recebido por um portal de galhos flamejantes dos pinheirais. Estalos de fogo são ouvidos e quando o atravesso as chamas dão outra língua que me obriga a recuar.

Sei que atrás daquele telhado e paredes consumidos pelo fogo vivo existe uma plantação de pêssegos dos japoneses. Os A. são os que moram mais perto dela. A essa altura as outras famílias já deveriam ter escutado algo. Vejo apenas o contorno das janelas e da porta entre o fogo.

Hiroshi deve estar lá dentro. Olho ao meu redor, vejo Naomi alguns metros atrás de mim. Agora seu rosto exprime emoção, o mais puro terror. Ela está congelada com a boca aberta e olhos esbugalhados. Além dela vejo o contorno da pocilga deles.

Corro até lá e no meio do cheiro de merda e dos rancos nervosos dos porcos vejo o bebedouro deles. Pulo a cerca baixa de tijolos e no meio das guinchadas irritadas deles mergulho minha camisa e minhas pernas na água suja.

Volto encharcado e no impulso me jogo contra a porta da casa. Caio dentro da sala junto dos pedaços da madeira queimada. Escuto Naomi gritar lá fora. Hiroshi está desmaiado no meio da sala, chego perto do seu corpo estirado. Sua cabeça sangra e o ergo com dificuldade. Ele é maior do que eu. Coloco ele em volta dos meus ombros e arrasto a gente até o lado de fora.

Hiroshi cai sobre mim e me ergo sentindo minha pele enrugada pelo calor, agachado entre suor e sangue que sinto correr na minha boca. Termino de puxar ele para longe da sua casa envolvida pelo fogo.

Coloco a mão no rosto para tirar o excesso de suor e sinto aspereza na palma da minha mão, já quase sem pele e com a antiga saindo em lascas descascadas.

Naomi corre até Hiroshi e fica gritando seu nome do seu lado. Não sei se ele está vivo. Está. Parece respirar. Me abaixo ao lado dela e coloco os dedos debaixo do nariz de seu marido. Respira mesmo. Ela chora e acompanha meus movimentos. De repente ela me abraça. Com força. Coloco um braço ao redor do dela e minha outra mão me apoia no chão.

Um instante depois que ficamos assim sinto meu braço tremer. Estou fraco. Tudo que foi acumulado bate de uma vez. O poste elétrico que os A. instalaram a pouco tempo começa a piscar incessantemente. O gerador ao seu lado explode e a lâmpada arremessa frascos de vidro com força.

A casa arde e joga luzes para todos os lados. Parece mais fraco. Minha vista embaça. O fogo se desfaz de uma só vez. Quase todo. O incêndio se comprime em uma esfera laranja.

Aquele fogo inteiro é condensado em um orbe que pondera a nossa frente. Vejo as ruínas da antiga moradia iluminadas pelas costas (ou frente) daquela miniatura de Sol que parece nos encarar. Só que não olha para nós. Começa a vagar sem tocar o chão, parte para longe de nós, se distancia, caminha pelos campos, entra pelos pinheirais, deixa tudo para trás. Sua luz é visível por todos os lados até aquele espetáculo se tornar desinteressante quando Hiroshi tosse e Naomi o abraça e começa a chorar de algum alívio coberto de medo.

Movo a cabeça e estou ali, só que em outro lugar. Naomi e Hiroshi sumiram. A casa me encara, intacta, limpa e pintada.

Dias se tornam semanas e as semanas se tornam meses enquanto os anos vão se acumulando em décadas. O chão é do presente, de onde eu vivo e existo. A luz dos postes elétricos inunda aquele local. Estou de volta ao Parque Cachoeira, a falsa vila polaca no topo da colina.

Ao meu lado, o garoto que é meu vizinho e N. me observam. O menino parece retraído e assustado e N. muito mais preocupado em entender do que necessariamente com medo.

Fico parado por alguns segundos e todos sabemos que precisamos de uns instantes de silêncio. Me levanto e vou até eles. Agora que reparo, é noite.

* * *

“Ele ficou esperando até eu chegar pra ir te ver”. N. estava sentado no sofá da nossa casa alugada. “O menino foi pra aula, só que ele estuda ali no Archelau, na frente do Parque Cachoeira”.

“Vi você passando ali na frente e falou pra professora que precisava ir ao banheiro. Pulou o muro dos fundos da escola e ficou te seguindo”, meu camarada se levantou, a ansiedade era uma constante nele e a nossa conversa da manhã parecia só ter piorado tudo. “Você usou o cessar atômico? Imaginei, o jovem disse que você sumiu diante dos olhos dele e de mais dois adolescentes, só que os outros não pareceram notar nada de estranho. Deve ter sido por isso que ele demorou tanto para retornar, ficou te procurando um tempão até te encontrar... bem... performático”.

“O que eu fiz?”, tinha o direito de saber, olhava para o meu dispositivo, sem nenhuma marca de impacto ou desgaste de quando o arremessei.

“O que você fez foi jogar seu dispositivo no chão. Lembre-se que o dispositivo é de uma época de capital, desigualdades e divisões marcadas pelas explorações e opressões. Ainda que tenhamos mudado algo fez com que o dispositivo me jogasse de volta para um período no qual podia ser dividido, experienciando a existência das separações e segregações em dois pontos de vista historicamente e geograficamente semelhantes, em corpos atravessados por questões diferentes, quase opostas. Uma resposta tecnológica bem individualista que é coerente com a concepção inicial para a qual foi projetado”.

“Eu voltei no tempo?”.

“Não, isso não faz sentido, não é assim que o tempo funciona só que os humanos não sabem disso. Você experienciou anacronismos, de situações, vivências, falas - até mesmo idiomas -, contextos e imagens. O que deve ter acontecido foi você ter tido sua consciência enviada para algum arquivo de memória salvo dentro de alguma consciência humana ou até mesmo HD e experienciou vivências antigas”.

“Mas as coisas que vi... eram reais?”.

“Nada é real em memórias, em nenhum registro, o que você testemunhou foi a maneira como alguém imagina, se lembra ou deseja acreditar que foi algo”.

“Só que vi coisas inexplicáveis com base em tudo que conhecemos dos humanos”.

“Eles criam coisas o tempo todo. Eles acreditam em coisas que não existem o tempo todo. Criaram mitologias bem sistematizadas desde que adquiriram o mínimo de consciência. Não é raro que o que viu tenha sido diferente de pensar que viu

um fantasma na escola só porque uma porta bateu com o vento ou puxada por um fio de nylon como uma pegadinha”.

“E o que isso tudo quer dizer?”.

“Quer dizer o que você quiser que queira. O que você quer?”.

* * *

“Aqui. Naomi A e Hiroshi A., vieram de Oita para o Brasil em 1954. Pelo que consta faziam parte da Comunidade Japonesa aqui de Araucária, trabalhavam na plantação de pêssegos de outra família japonesa ali na região do Capela Velha”, a arquivista sorriu pra mim.

“Tem algo mais?”, perguntei rápido, fingindo não estar absorto na minha própria atenção e reflexão sobre tudo que ouvia.

“Nada de mais, só que se mudaram para Maringá em 1958 depois de um incêndio que destruiu a casa deles. O incêndio foi noticiado na época, mas não encontrei nenhum registro da época”. Apertei os dedos nas coxas.

“E sobre os B.?” , tremi um pouco a voz. A moça não pareceu notar e continuou na maior das solitudes.

“Aí foi algo que me deixou curioso. Porque só encontrei registros de uma Eva B., só que nada sobre ela ser casada, ou ter um marido. Nenhum documento, comprovante, nada mesmo”.

“Porém”, ela me olhou como se estivesse segurando uma grande revelação para a plateia. “Eva também se mudou no mesmo ano que os A., e foi por medo de um incêndio atingir a casa dela também. Ela disse algo sobre a boitatá ir atrás dela”.

“Eu não sabia que existia a lenda do boitatá por aqui”, só conhecia o folclore e suas lendas urbanas ou rurais a nível nacional.

“Na verdade, essa lenda era bem famosa pra cá. Aqui temos muitas versões, desde uma mulher que incendeia florestas e vai atrás de maridos infiéis, até uma que relata uma bola de fogo que fica passeando pelos campos e tem medo de luz elétrica. Tem diversas lendas de avistamentos mais pro interior e até onde fica o Parque Cachoeira hoje”.

Me despedi e fui embora. Na frente daquele prédio histórico neocolonial, branco e azul, onde funciona o Arquivo Histórico Municipal, consegui juntar os fatos.

As lendas possuem fragmentos e suas lacunas são preenchidas por demais. Aquilo era uma esfera de fogo, com medo de eletricidade. Só que a a parte de ser fêmea e sua inimizade com a infidelidade foi algo atravessado pela cultura dos testemunhos e das vivências de quem estava lá.

Continuei minha pesquisa com N. Ambos começamos a nos aquietar nos entender melhor com os humanos. Um passo de cada vez com eles. A melhor solução que encontrei para capturar seus fragmentos vou investir em atividades evasivas de neuroses para eles.

No final, decidi me dedicar à pintura. Retratos na rua, ônibus, calçadas, filas. De quem quer que fosse, nunca reparando. Pintar os olhos era o mais fácil, o mais banal, o proeminente do

rosto que se destaca numa roda de cores. Agora a pele. Ah, a pele. Como camadas e camadas sobrepostas em pequenas sutilezas de natureza tão delicada. A graça, captar o que é a pessoa em sua veste mais primitiva, sua primeira proteção, o manto que mantém tudo junto, unido, unidade, indivíduo. A cor da pele, tão única e tão social, tão de cada um e tão de todos. Olhos podem ser a janela da alma, mas a pele são suas paredes, seu teto seu chão.

* * *

A noite respira através de ventos velozes e gelados. Dá para senti-los rasteiros, ardilosos, entram por dentro das bocas da minha calça. A mata fechada ao meu redor é iluminada por uma lua fraca que é acobertada por grossas nuvens. Uma tempestade se aproxima nessa madrugada, deve começar perto do horário que muitos pegam ônibus para trabalhar, mais uma tragédia cotidiana na vida dos pobres.

Eu e N. renovamos nosso projeto de pesquisa mais uma vez, vamos ficar mais um bom tempo por aqui. Quando você acha que já viu demais o objeto sempre dá um jeito de te fazer recomeçar do zero. Foi isso que aconteceu comigo, e N. foi movido pela minha experiência, de fato, porém ele já tem suas atitudes próprias que o levam adiante.

Lá está, próximo, há uns duzentos metros. Vejo sua luz irradiando as copas das árvores de cima pra baixo. Uma árvore Primavera recheada de flores roxas fica vermelha quando passa por ela, para depois ser deixada, intocada.

É um ser neutro. Não tem interesse no que não o incomoda. Tive a precaução de não trazer nenhum equipamento elétrico. O dispositivo funciona por outras forças, só que por precaução o deixei em casa. Outra coisa me motivou a isso também: ficar distante do que é técnico por um tempo. A melhor forma de fazer isso foi de encontro a sobrenaturalidade que é uma marca tão penetrante das mentes que estudamos, mas ver algo digno de nota fora dos cérebros e orbitando a própria Terra tem um valor interessante.

Não é um objeto interessante para meus estudos, gosto de manter o chamado “boitató” no meu registro de fenômenos incompreensíveis por opção. Não entendê-lo o torna mais cativante.

O boitató segue seu rumo, passou por mim desinteressado sem imaginar como seu monótono passeio representa um dos momentos mais sublimes da minha vida. A festa atômica que sua dispersão de energia move o mundo em uma exorbitante microcósmica capacidade de poder, o calor é intenso. E foi embora. Sua luz fica viva até que perde o sentido eu ficar acompanhando sua trajetória sem de fato aproveitá-la. Vou voltar pra casa e viro de costas em uma despedida silenciosa.

Descobri que o ser é o acontecendo em formulação passado, presente e futuro. Quase vi uma morte diante dos meus olhos. Vivi o passado e tive noção da existência do presente, sei que o futuro não existe.

01 de Abril de 2024

06 de Maio de 2024

INSÔNIA

*(ou pensamentos
que tive perto de dormir
e acabaram me acordando)*



INSÔNIA

Todas as manhãs acordo melancólico, engulo três xícaras de café e fico melancólico e ansioso, até a luz do ambiente parece diferente, fazendo curvas sob o capuz do meu moletom para esparcarem nos meus olhos.

Mais uma madrugada sem dormir e vendo a luz invadir entre os vãos das venezianas de metal da minha janela. O maldito do sabiá-laranjeira de sempre começou a cantar as quatro da manhã como de costume. Sei que é o mesmo porque dias atrás andei até o fundo do quintal e ouvi outro do mesmo tipo e ele cantava diferente. Sua música era outra.

Essa madrugada joguei minha cadeira contra o chão e a raiva que sentia só se fez notar quando meus olhos já acostumados com o breu notaram o olhar decepcionado dela, minha namorada, sem reação, entendendo meus motivos mesmo não querendo aquilo.

Tive tanta raiva daquele pássaro que uma noite mordeu os dentes tão fortes até que um deles trincou e fiquei dando linguadas nele até o pedaço solto cair. Passei a madrugada passando a língua no vazio da lasca, áspera e aguda, tão maior no tato da língua do que os poucos milímetros da realidade.

Não dormir é a verdadeira experiência de suprarrealidade ou o máximo de tato que se pode ter com a própria existência quando se isola ela do descanso e a sente gritar de cima a baixo. Tortura. A pior. Vida como sofrimento em seu acúmulo num ponto latejante.

O acontecimento mais comum é quando próximo do sono desperto em ansiedade com lembranças de momentos embaraçosos do passado. Não sinto nostalgia, não gosto de pensar

no passado que envolve olhar para características que detesto em mim e perceber que elas continuaram ao longo dos anos e que o tempo não mata nada só preserva em um estado de lenta decadência e meus sentimentos vão azedando e minha percepção de si nunca vai mudar.

Não gosto nem de olhar para minha infância e lembrar do meu eu criança deixando a cabeça do meu bonequinho de pássaro cair do apartamento que morávamos. Chorei muito por causa daquele brinquedo, foi só um acidente, e até hoje quando isso atravessa minhas memórias em invasões não consentidas sinto raiva do meu eu de quatro anos que fez algo que me machucou tanto.

Quando acordo e de noite antes de dormir, são os momentos mais deprimidos do meu dia. Existo como pressuposto.

* * *

Pensei no limbo entre o acordado e o dormido esses dias com meus dentes saindo para fora da minha boca na posição de unhas em dedos que brotavam da minha gengiva. Não entendia se mastigava meus dedos ou se eles tateavam minha boca de cima pra baixo.

Acordei com essas imagens e se seguiram mais dias sem dormir, me olhava no espelho e via minha cabeça como a de um triceratops (esse dinossauro nem existiu, né?). Vi meu colega de escritório ser morto por uma minhoca gigante e só consegui apoiar minha cabeça na impressora e tirar um cochilo.

Numa superfície convexa com um lado áspero e repleto de pequenas pontas triangulares e o oposto com ranhuras que iam de cima a baixo. Estava preso de costas para as pontas e com a boca encostada nas ranhuras do lado liso. Meus pés virados pra dentro. Numa fenda apertada com esses paredões complexos e complicados.

Não era a posição que eu estava, e sim a que me sentia. Não é a realidade, é uma faceta desagradável dela, mas não é ela a realidade toda. Por inteira. Disforia de vida.

Tinha gente dormindo na rua naquele dia de 2013, dia da geada, caiu neve às oito da manhã. Roía as unhas então seus dedos ficaram queimados e cobertos de feridas pretas e azuladas. Gente morreu de frio. Eu era adolescente então tive que ir pra aula do ensino médio de manhã de qualquer maneira. Desde aquela época e muito antes já tinha uma ansiedade que me impedia de dormir.

É todo dia ir dormir na esperança de no outro dia acordar melhor. Não se dorme e não acorda melhor.

* * *

Penso muito sobre o que vivo e quero pra mim e como defendo minhas opiniões quando estou perto de dormir. Muitas vezes isso tem o efeito contrário de me manter desperto. Como quando pensei na ideia “falando de não monogamia enquanto comia um ombro de um cadáver”. Não sei o que isso quer dizer mas soa legal assim como a frase “meu marido era um homúnculo canibal esquelético”.

Sabe aquele momento quando seu parceiro vai na sua casa e vocês brigam e cada um não tem pra onde ir porque seus pais tão na sala vendo jornal e qualquer movimentação de cômodos geraria desconforto e inquietações desnecessárias? É uma merda.

Esses dias pensei sobre uma ideia ficcional para um relacionamento entre uma pessoa não-binária e uma bissexual e isso despertou curiosidades em mim. Minha ideia envolvia que o/a bissexual era relativamente homofóbico pois escondia de compreender sua bissexualidade querendo criticar a monogamia em sua busca pela radicalidade das problemáticas relacionais e acobertava seu medo da própria sexualidade ofendendo o restante das coisas de identitarismo liberal.

Ele/a não conseguia pensar na superestruturalidade de relações e interações sociais e da perspação da propriedade dentro dos afetos por ficar tão próximo de compreender por que queria beijar e sentir mulheres e homens.

Na sua opinião vai criticar a existência da moralidade sob mentes em comandos de corpos de qualquer forma. Percebendo como é triste como a comunidade LGBT é homogeneizante e cai muito fácil em estratégias de indústria cultural do que eles devem consumir e gostar e tornar isso a identidade da comunidade num sentido macro. E sobre coisas que podemos ser e fazem sentido para nós sem precisar ser apegados a lugares de gênero ou de sexualidade.

Infelizmente qualquer sexualidade, performatividade de gênero ou identidade de gênero fora da cisheteronormatividade é transformada em nicho de mercado que na verdade só surge

para vender noções individualistas de constituição de sujeito que criticam os preconceitos superficiais e não as raízes estruturais de tais preconceitos.

Justamente porque é de interesse que a comunidade LGBT não tenha consciência de classe de seu potencial e conteúdo revolucionário intrínseco a sua própria existência.

Aí vira uma comunidade de conteúdo puramente performático sem ação, tão estético quanto asséptico.

Na resposta argumentativa da pessoa NB é apontada a inexistência de uma essência metafísica do gênero. De uma redução, o mínimo irreduzível de uma qualidade. No gênero isso não existe na biologia, fisiologia, cultura, ontologia, experiência social.

Só existe no cristianismo, cujo monoteísmo cristão representou o primeiro grande momento de uma extensão de sociedade sujeito a um único direcionamento de um único deus sem um panteão que dividisse. Deus deixou de ser um panteão composto com hiperbolações e superlativações de características, qualidades e defeitos humanos para se tornar uma essência que nos gerou mas nos é estranho, alheio. O interesse de que o gênero seja como deus, único, imutável e presente em nós enquanto nós é intocável. Deus monolítico, embrutecido, um edifício decorativo e imponente.

Não-binaridade nesse contexto pode ser utilizada como ferramenta investigativa que permite observar as performáticas de gênero e compreender como elas foram constituídas para representarem binaridades de acordo com a perpetuação dos

papéis, locais e poderes destinados aos supostos homens e mulheres. A possibilidade de compreender a existência para além do encaixe de ser homem e mulher mas também como ser homem e mulher foram fadadas a ser não-opções através de instruções coercitivas para manutenção da instrumentalização da força de trabalho e da ideologia pela estrutura familiar monogâmica heterocisnormativa cristã.

A não-binaridade possibilita uma ontonegatividade do gênero dentro de uma dialética imanente, na qual o que não é diz mais sobre o ser do que o que se propriamente delimita como o que se é. O “não” na frente torna um universo de interpretações e explorações do conceito a partir de uma negação da negação, muito mais proveitosa do que o positivismo do conceito enquanto afirmação cerceante.

A contradição é a reafirmação do próprio conceito a partir de sua negatividade. A monogamia é exemplo disso, sempre me irritou quando algum famoso, celebridade, ator, jogador de futebol etc., traía seu parceiro e zoavam que tal pessoa era “poligâmica”. Isso é incoerente pois a traição é a coisa mais monogâmica que existe, uma contradição imanente entre o idealismo (exclusividade afetivo-sexual) e a práxis (desejos e impulsos considerados imorais dentro dessa conduta de relacionamento que levam a pensamentos, comportamentos e práticas que traem a outra parte da relação). “Amor” que em sua contradição contém em si sua antípoda: Ódio, como o nutrido por várias pessoas em relação àqueles que um dia amaram.

A monogamia enquanto idealismo que não se sustenta na práxis. Enquanto naturalização das relações, estabelecendo que só existe um modo de se relacionar, como intrínseco ao ser humano. Porém tal argumento só existe enquanto ideologia (falsa consciência, segundo Marx). Monogamia não é natural, é uma ideia que surge materialmente e historicamente para atender a certas demandas, sobretudo materiais, e espirituais dentro de diversas dinâmicas de cultura e poder. Sendo de interesse sua consolidação para perpetuação da propriedade particular através de hereditariedade e para isso a estrutura familiar monogâmica centralizada na figura patriarcal (detentora de toda propriedade, sobretudo da primeira forma de propriedade estabelecida: o corpo com útero cisfeminino, gerador da prole).

* * *

A Rainha deixa sair da chaminé que cresce por trás de seu trono os últimos gritos de um vassalo. Meus sonhos estão calcificados de tristeza.

* * *

As casinhas de troncos de pinheiros no Bosque do Papa. Aquele ao lado do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Eram dos colonos poloneses aqui de Araucária, mais especificamente da Colônia Thomaz Coelho (mencionei isso no outro conto, né?). Foram retiradas daqui durante uma enchente na região do Passaúna. O Papa, santíssimo alguma coisa, João Paulo II - nascido Karol Józef Wojtyła -, fez uma missa numa casinha

originariamente araucariense de feitio e material. O Papa polonês numa casinha de possíveis poloneses ou filhos de poloneses vindos ao Brasil.

* * *

Lembro de uma cadeira que não era exposição do museu e as pessoas tiravam foto no meio achando que era uma obra de alguma vanguarda.

O que proponho não é debate tosco sobre o que é arte ou não, mas como os indivíduos são condicionados a só refletir e interpretar intencionalidade da arte de maneira intuitiva quando estão nos espaços burocraticamente destinados a essa. Arte não é mais o sensível do dia a dia, mas sim a suspensão do sublime pela quebra do cotidiano quando condicionado a uma institucionalidade.

Arte - exteriorização do ser e reconhecimento do artista na obra.

Alienação - a consciência se coloca naquele objeto/ser e depois não se reconhece nele.

De maneira pessoal penso em arte como esse fragmento do sensível que retiro de mim e materializo de alguma forma, que externalizo e que volta para me encarar e neste momento eu e a obra já passamos por transformações que só fazem com que um se torne estranho ao outro. Arte só faz sentido enquanto passado, fragmento de história. No presente era processo, desespero, fruição e técnica. No momento que a reencontro nós dois já nos transformamos, mudamos, eu não era o eu que fui quando a fiz, e

a reencontrar encontro o que retirei de mim e se tornou alienígena, e ela se transformou em si, não sendo nem mais o que quis que ela fosse nem o que imagino que ela se tornou, a arte se tornou o que ela é. Já foi. Ainda é. Será?

CORTE OS MEMBROS DA QUIMERA



Corte os membros da Quimera e encontre o rabo do leão. Dentes de dragão. Cabeça de Águia. Os olhos do seu pai e a linha capilar da sua mãe. As unhas quadradas nas garras de furão.

Tire membro por membro e ensimesme todas as fases em uma só. Camelo com o fardo dos pesos na água de sua corcova; leão no rugido imponente de quem dorme boa parte do dia; criança como o sujeito refém do ambiente e autônomo para chorar em impotência. *What to expect when everybody is waiting.*

Um dia o busão quebrou no caximba, perto da ponte minúscula da divisa Araucária-Curitiba, e o povo queimava outro ônibus protestando pela falta de energia que durava dias. Quem vai quem fica.

Queime os membros da Quimera. Nas cinzas grite dor e revolta. Da sua língua de anjo recite bolas de fogo dos céus. De suas presas espere-as crescer até que deem a volta e se encravem no seu cérebro. Substitua os olhos de seu pai por pontas dos próprios chifres. Raspe o cabelo derivado de sua mãe, bem rente. Ensimesme-se.

Seja você mesmo, Quimera de sua morte e desejos.

07 de Junho de 2024



Todos direitos reservados a
EDITORA COLETIVO CINE-FÓRUM
marca registrada
Goiânia, Goiás
coletivocineforum@gmail.com
www.coletivocineforum.com/livros